

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
HABILITAÇÃO EM BIOTECNOLOGIA (CTNMS)

Isadora Cristina Tavares Duarte Oliveira

“EXPERIÊNCIAS MÉDICAS” NAZISTAS:
uma abordagem bioética a partir dos direitos humanos

1

Rio de Janeiro
2024

Isadora Cristina Tavares Duarte Oliveira

“EXPERIÊNCIAS MÉDICAS” NAZISTAS:
uma abordagem bioética e nos direitos humanos

Projeto de Monografia apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)
como requisito parcial para aprovação no Curso
Técnico em Biotecnologia.

Orientador(a): André Vianna Dantas.

2

Rio de Janeiro
2024

Isadora Cristina Tavares Duarte Oliveira

“EXPERIÊNCIAS MÉDICAS” NAZISTAS:
uma abordagem bioética e nos direitos humanos

Projeto de Monografia apresentado à Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz)
como requisito parcial para aprovação no Curso
Técnico em Biotecnologia.

Orientador(a): André Vianna Dantas

Apresentado em: ___/___/_____

Banca avaliadora:

André Vianna Dantas – EPSJV/Fiocruz

Carolina Vianna Dantas – EPSJV/Fiocruz

Angela F. Esher Moritz – ENSP/Fiocruz

Marcos Pedroza – EPSJV/Fiocruz

“Viver é muito perigoso,
mas é muito mais perigoso não viver”
– Charlie Brown Junior, Chorão.

AGRADECIMENTOS

Se passaram quatro anos desde a minha entrada na Fiocruz. Foram dias incontáveis de noites e claro e diversos desafios a serem criados. Portanto, dedico esta seção a todos os nomes que estiverão presentes neste meu ciclo.

Agradeço imensamente ao meu orientador, André Vianna Dantas, pela maestria ao me conduzir durante a construção desse projeto de pesquisa, pela confiança e incentivo com a temática proposta.

Aos meus melhores amigos, Maria Eduarda Marques, Luna Vieira, Laiza Motta, Jorge Augusto, Nathan Cavalcante e João Victor Elizeu pela construção tão preciosa da nossa amizade e parceria que se prolongou durante toda nossa trajetória na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Aos meus professores, André Dantas, Carolina Dantas, Marcos Pedroza, Gabrielle Paulanti, Danielle Leal, Wallace Lopes, Flávio Paixão, David Marques, Tainá Galdino, Flavia Ribeiro, Veronica Soares, Valéria Carvalho, Pedro Quental e muitos outros nomes que contribuíram para a minha formação como profissional e cidadã.

À minha supervisora do estágio, Lucia Moraes, pelo imenso incentivo durante a escrita da minha monografia, parceria e pelos diversos conselhos sábios proferidos.

À minha parceira de estágio, Camila Soares, por cada orientação e palavra de sabedoria.

À minha mãe, Helaine Oliveira, por vibrar a cada felicidade e por representar o exemplo de mulher a qual pretendo ser um dia.

Ao meu pai, Sergio Oliveira, pelas conversas e conselhos cruciais durante toda a minha história e pelo apoio em todos os momentos.

À minha família paterna, mesmo eu não estando presente como gostaria, me incentivou a lutar pelo meu futuro e de me orgulhar de ser uma Oliveira.

À minha família materna, que se faz presente em todos os segundos da minha vida, vibrando e celebrando cada vitória.

Ao meu avô, Antonio Carlos Franco Duarte, por sempre fazer questão de demonstrar seu orgulho pelas minhas conquistas e se tornar tão presente em cada vitória.

À minha avó paterna, Joana Maria de Jesus Oliveira, a qual não está mais entre nós, nem mesmo me conheceu como neta, porém tenho a certeza de que me acompanha todos os dias. Que eu possa honrar com sua herança como pessoa e sempre se lembrar que sou sua neta.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuam durante minha trajetória na Fiocruz e no desenvolvimento dessa monografia, meus sinceros e profundos agradecimentos.

Dedico esta monografia a minha avó, Vera Lucia Tavares Duarte, que veio a falecer no ano que iniciei meu ciclo na Politécnica. Em memória àquela que inspirou a concepção que tenho hoje de humanidade, amor e família. A esperança que carrego de um mundo melhor, de pessoas melhores, se deve a alma mais bondosa que eu pude conhecer, pois se um ser humano tão simples tinha tal capacidade de humanidade acredito em um futuro onde atos hediondos sejam inexistentes. À minha família, primordialmente, que sempre esculpiram pedras com suor para que eu pudesse ter um caminho de brilhantes. Ao meu irmão que me mostrou o verdadeiro amor quando veio ao mundo. E ao meu Theo, meu pequeno anjo, que todos os dias me faz ser mais feliz que antes de existir.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Propaganda antisemita nazista – “Der Giftplz” (O Cogumelo Envenenado)	18
Imagem 02: Boicote ao comércio judeu na Alemanha, abril de 1933	20
Imagem 03: "Die Nurnberger Gesetze" (As Leis de Nuremberg), 1935	23
Imagem 04: Vítima Cigana em Experimento Médico Nazista	35
Imagem 05: Vítima de Experimento Médico Nazista em Dachau	35
Imagem 06: Testemunho de Jadwiga Dzido – Vítima de Experimentos em Ravensbruck	37
Imagem 07: Vítima Infantil de Experimento Médico Nazista	40
Imagem 08: Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, 1945	46

RESUMO

A presente monografia propõe uma análise acerca das implicações éticas decorrentes das chamadas “experiências médicas” conduzidas pelo regime nazista durante a Segunda Guerra Mundial, dando ênfase a uma abordagem em bioética, direitos humanos e no debate ético sobre a utilização de seus resultados. Para além disso, este projeto tem como objetivo pôr em debate a utilização posterior de tais experimentos. Para tanto, nos utilizamos de revisão bibliográfica e análise de fontes primárias e secundárias.

Palavras-chave: Experiências médicas nazistas; Bioética; Holocausto.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: CAPITALISMO EM CONFLITO: A EMERGÊNCIA DO FACISMO E DO NAZISMO	13
1.1 A Primeira Guerra Mundial e o surgimento do Nazifacismo.....	13
1.2 O Crescimento do Antissemitismo na Europa.....	15
1.3 A Propaganda Política Nazista como Instrumento de Poder.....	17
1.4 O Boicote ao Comércio Judaico.....	19
1.5 Leis de Nuremberg: a Instituição da Discriminação racial.....	22
1.6 Guetos: Segregação e isolamento dos judeus.....	25
1.7 Início da Solução Final: Planejamento e a Execução do genocídio.....	27
Capítulo 2: “MEDICINA NAZISTA” – EXPERIMENTOS MÉDICOS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	29
2.1 Introdução à Medicina Nazista e a Experimentação Médica.....	29
2.2 Aplicações Científicas para Ideologia do Terceiro Reich.....	31
2.3 Experiências Médicas Nazistas em Campos de Concentração.....	32
2.3.1 Experimentos de Sobrevivência Extrema.....	33
2.3.2 Experimentos de Manipulação Biológica.....	36
2.3.3 Experimentos de Caráter Eugenista.....	38
2.4 O Programa Lebensborn: A Produção de “Raciais Puros”.....	40
2.4.1 Germanização: “tenha sua identidade extirpada”.....	42
2.4.2 A história de Marie Dolezalová.....	44
Capítulo 3: BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS COMO UMA RESPOSTA AO LEGADO DA MEDICINA NAZISTA	46
3.1 O “fim” de uma era antiética.....	46
3.2 O uso de dados nazistas na Literatura Científica.....	48
Considerações Finais	51
Referências Bibliográficas	52
Anexo I (Objetivos, Justificativa e Método)	55
Anexo II (Cronologia)	58

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial, um dos períodos mais devastadores da história contemporânea, foi marcada não apenas pela imensa perda de vidas humanas, mas também pela sistemática perseguição e extermínio de milhões de pessoas, em particular os judeus, no que ficou conhecido como o Holocausto. Este genocídio, promovido pelo regime nazista de Adolf Hitler, teve como resultado a morte de aproximadamente seis milhões de judeus, além de milhões de outras vítimas, como ciganos, homossexuais, prisioneiros de guerra e opositores políticos. A ascensão do nazismo não se limitou a uma guerra territorial, mas implicou também uma profunda transformação social e ideológica, que levou a uma verdadeira reconfiguração da sociedade alemã, impondo uma ideologia de ódio e exclusão. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d; MICHEL, 1977).

Desde sua ascensão ao poder em 1933, o regime nazista instaurou políticas de discriminação e violência contra minorias étnicas e políticas, com especial foco na população judaica. Tal ideologia, fundamentada no conceito de eugenia e no culto à supremacia da "raça ariana", não apenas buscava destruir fisicamente aqueles considerados indesejáveis, mas também manipulava as bases científicas e médicas para justificar suas atrocidades. Em 1935, as Leis de Nuremberg institucionalizaram essa ideologia racista, segregando os judeus e restringindo suas liberdades civis, políticas e econômicas. Contudo, o ponto culminante desse processo de desumanização e genocídio seria o desenvolvimento de uma série de políticas de extermínio em massa, como parte da chamada "Solução Final", que visavam a erradicação total da população judaica europeia. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d; MICHEL, 1977).

Em paralelo a essas políticas de extermínio, o regime nazista também utilizou a medicina de forma perversa. Médicos e cientistas, muitos deles com prestígio internacional, se aliaram ao regime e se tornaram cúmplices de experimentos médicos cruelmente desumanos. Esses experimentos, conduzidos principalmente nos campos de concentração, não só violaram as mais elementares normas éticas e humanitárias, mas tragicamente mostraram para as gerações futuras os perigos da manipulação da ciência por ideologias totalitárias. O campo da medicina, que antes da ascensão do nazismo era considerado uma das ciências mais avançadas, foi corrompido e utilizado como instrumento de tortura e morte. (PORFÍRIO, 2016; ESPINAL, 2017).

Os experimentos realizados nos campos de concentração podem ser classificados em três categorias principais: os experimentos que visavam a sobrevivência dos soldados alemães em condições extremas, como os testes com hipotermia; os testes de tratamentos para doenças como malária, tifo, tuberculose e doenças venéreas; e os experimentos que buscavam estudar as características raciais e genéticas dos prisioneiros, especialmente de judeus, ciganos e outros grupos considerados "inferiores". Muitos desses experimentos foram realizados sem qualquer forma de consentimento e com um desrespeito absoluto pela dignidade humana, resultando em sofrimento indescritível e na morte de milhares de pessoas. (PORFÍRIO, 2016; ESPINAL, 2017).

A medicina nazista não se limitou a esses experimentos em campos de concentração, mas também se estendeu a práticas de esterilização forçada, eutanásia e eugenia. Milhares de pessoas com deficiência mental e física foram vítimas do programa de "eutanásia", no qual eram assassinadas em instalações especializadas ou deixadas para morrer por negligência. As experiências de esterilização e eugenia tinham como objetivo a criação de uma "raça pura", com a eliminação de características genéticas consideradas indesejáveis. Estas "práticas médicas", fundamentadas em uma visão deturpada da biologia e da genética, não eram apenas antiéticas, mas também representavam uma violação brutal dos direitos humanos. (PORFÍRIO, 2016; ESPINAL 2017).

Este período de barbárie revelou a necessidade urgente de estabelecer normas éticas rigorosas para a prática da medicina e da pesquisa científica. O julgamento dos criminosos de guerra nazistas em Nuremberg, em 1945, representou um marco histórico na luta contra esses abusos, ao responsabilizar os médicos nazistas pelos crimes cometidos nos campos de concentração. Este julgamento resultou na criação do Código de Nuremberg, que é um conjunto de princípios que visam garantir que toda pesquisa científica e médica respeite a dignidade e os direitos dos participantes, estabelecendo, entre outros, a necessidade de consentimento informado e a proibição de experimentos que causem danos ou sofrimento desnecessário (JACOBI, 2017).

Além disso, a partir da Segunda Guerra Mundial surgiram novas disciplinas como a Bioética e o Biodireito, que buscam garantir que as práticas médicas e científicas se alinhem aos princípios fundamentais dos direitos humanos e da dignidade humana. A Bioética, em particular, é fundamental para discutir as implicações morais de práticas médicas, como a eutanásia, a manipulação genética e a pesquisa com seres humanos. O estudo das atrocidades médicas nazistas, portanto, não é apenas uma reflexão sobre os limites da ciência, mas também sobre a necessidade de criar sistemas jurídicos e éticos

que protejam os direitos dos indivíduos, evitando que horrores como os experimentos médicos nazistas se repitam no futuro (JACOBI, 2017).

Embora tenham sido obtidos por meio de um sistema ético condenável os achados científicos extraídos a partir dessas experiências médicas existe e sua utilização é extremamente debatida na comunidade científica. O debate se respalda no dilema ético em utilizar dados que poderiam auxiliar em pesquisas para o desenvolvimento da sociedade, porém, somente obtidos por vítimas de uma das maiores tragédias da humanidade. A separação entre o conhecimento científico e o contexto ao qual foi extraído é apenas a temática primordial para uma série de outros questionamentos que se surgem a partir desse debate, como o limite para se obter um saber científico, o valor da ciência (assunto este muito discutido perante a pandemia da COVID-19 – ou até mesmo a legitimidade dos achados).

Por fim, o genocídio cometido pelo regime nazista, especialmente em suas dimensões médicas e científicas, ressalta a importância de nunca esquecer os erros do passado e de continuar a educar as gerações futuras sobre os horrores da intolerância, do racismo e da desumanização. Este estudo se propõe a analisar os experimentos médicos realizados pelos nazistas e não apenas para compreender as atrocidades de um regime totalitário, mas também ajudar a refletir sobre os limites éticos da pesquisa científica e médica na atualidade, enfatizando a importância da Bioética como um campo de estudo crucial para a proteção dos direitos humanos e para a promoção de uma ciência que respeite a dignidade humana.

CAPÍTULO 1

CAPITALISMO EM CONFLITO: A EMERGÊNCIA DO NAZIFASCISMO

1.1 A Primeira Guerra Mundial e o Surgimento do Nazifacismo

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) pode ser caracterizada como um conflito bélico global, centrado na Europa, envolvendo potências ocidentais em uma grande disputa imperialista. No caso alemão, tal conflito se encerrou com a instituição da República de Weimar, que sucedeu o antigo regime imperial na Alemanha, através da assinatura de um tratado de paz (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Nota-se que, além das grandiosas perdas que os participantes do conflito armado sofreram¹ outro aspecto também deixou um marco significativo dentre as populações: os valores de referência que o mundo ocidental ostentava perante os demais continentes, como uma sociedade civilizada e racionalizada, haviam sido deixados no ilusionismo com o início dos campos de batalha para uma realidade de barbaria perversa. “A humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram” (HOBSBAW, 1995, p.25).

Em 28 de junho de 1919 foi assinado o Tratado de Versalhes, que buscava formalizar a paz entre as potências vitoriosas e a Alemanha, a qual foi considerada a principal responsável pela guerra. O tratado não apenas impôs severas indenizações e perdas territoriais significativas à Alemanha, mas também representou uma humilhação profunda da população alemã perante o cenário global. (HOBSBAWM, 1995).

Após o Tratado de Versalhes, a Alemanha atravessou um período de uma grave crise econômica, agravada por uma ocupação militar francesa e belga (1923-1925) e pela hiperinflação. Apesar da atuação de planos econômicos voltados para ajudar a Alemanha com o pagamento de reparações, a crise persistiu. Paralelamente a isso, a República de Weimar lutava incessantemente para manter a estabilidade política na Alemanha, ao momento que partidos extremistas opositores ganhavam cada vez mais força. (HOBSBAWM, 1995).

Todavia, o clima de apreensão foi somente sucumbido pelo pânico completo no

¹ Sejam territórios, estruturas, recursos, perdas humanas – estima-se cerca de 21,5 milhões de mortos durante a Primeira Guerra (Britannica, 2023; 1914-1918 Online, 2023). Disponível em: <<https://www.britannica.com/>>. Acesso em: 10/09/2024.

dia 24 de outubro de 1929, com o início da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, que resultou em uma crise devastadora na Europa, acompanhada pelo impacto gigantesco do desemprego e uma epidemia contagiosa de miséria. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Tais repercussões econômicas foram catastróficas para a Alemanha, que, tomada por uma aguda crise socioeconômica, revelou que a recém-estabelecida democracia de Weimar acabara de se tornar frágil e incapaz de lidar perante o cenário inflamado da Alemanha. O desemprego em massa alinhado à miséria generalizada e o sentimento de humilhação nacional, alimentaram um ambiente de desespero e raiva social, que foi posteriormente capitalizada por movimentos políticos extremistas. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

O contexto de crise econômica, social e política da Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial foi um terreno fértil para o crescimento do Partido Nacional Socialista² dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista), o qual fez surgir um líder cujo discurso inflamado e carismático que seduzia muitas pessoas: Adolf Hitler. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d; MICHEL, 1977)³.

Hitler ascende a partir das idéias do pangermanismo, defendendo a unificação dos povos germânicos, e pregava a superioridade da raça ariana, bem como o antissemitismo. O nazismo se estruturou como uma ideologia ultranacionalista, expansionista, antissemita, rejeitando o marxismo e proclamando a superioridade do povo alemão, instigando a população a descartar qualquer compromisso firmado no Tratado de Versalhes, enquanto prometia a grandeza da Alemanha e a reversão das humilhações impostas a sua Nação. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

A ascensão do regime nazista e suas políticas antissemitas não passaram despercebidas pela comunidade internacional. Enquanto alguns países demonstraram resistência, outros se mostraram complacentes ou até mesmo solidários com o regime. O

² O nacional-socialismo, defendido pelo Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), não deve ser confundido com ideologias de esquerda. Apesar do uso do termo "socialista" em seu nome, a ideologia promovia valores nacionalistas extremistas, autoritários e xenófobos, divergindo fundamentalmente dos princípios do socialismo, que se baseiam na igualdade social e na luta contra a opressão de classes.

³ Nota-se que antes da ascensão do nazismo na Alemanha, o fascismo italiano já havia se estabelecido como um modelo autoritário e ultranacionalista. Liderado por Benito Mussolini, o fascismo italiano implementou uma série de políticas que suprimiam a oposição e promoviam uma unidade nacional. Pode-se dizer que o sucesso de Mussolini inspirou Adolf Hitler, que via no fascismo italiano um exemplo o qual, posteriormente, foi incorporado elementos do mesmo em sua ideologia nazista. (MICHEL, 1977).

temor da expansão do comunismo levou muitos governos europeus a adotar uma postura de apaziguamento. (HOBSBAWM, 1995)

A Conferência de Evian em 1938, por exemplo, revelou a relutância de nações ocidentais, como Inglaterra e França, em acolher refugiados judeus, destacando a indiferença generalizada diante da crescente perseguição. Essa resposta internacional, ou a falta dela, exemplifica como a política global muitas vezes prioriza interesses próprios em detrimento da proteção dos direitos humanos. Inglaterra e França, ao fecharem os olhos para o expansionismo de Hitler, acreditavam que isso poderia ajudar a sufocar a URSS; assim, teceram alianças, trocaram sorrisos e apertaram as mãos de Hitler ao assinarem acordo. (HOBSBAWM, 1995).

Para além desta, a ascensão do nazismo também contou com a aquiescência da classe dominante alemã, que via no regime totalitário uma oportunidade para preservar seus privilégios e interesses econômicos. Para a classe média e alta, o nazismo se apresentava como uma solução à instabilidade política e à ameaça do comunismo, com a promessa de restauração da ordem, estabilidade, grandeza nacional e a proteção da raça ariana. (HOBSBAWM, 1995).

O livro *Mein Kampf* (Minha Luta), redigido por Adolf Hitler durante seu período preso em 1923, serviu como bússola norteadora para as ideias nazistas sobre raças e mundo. Neste livro, Hitler consolidou sua visão de uma sociedade ariana superior e justificou a necessidade de uma liderança autoritária. Após ser libertado da prisão, Hitler adotou uma estratégia mais sofisticada, utilizando armas políticas e propagandas ao seu favor para consolidar sua liderança ao Partido Nazista. (MICHEL, 1977; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Apesar de um significativo crescimento de adeptos à ideologia nazista, a Alemanha viveu um período de relativa estabilidade econômica entre 1924 e 1929. Com a Grande Depressão de 1929, o cenário se modifica e a República de Weimar enfrentou uma crise política e econômica sem precedentes. Em 1933, o presidente Paul von Hindenburg, pressionado pela crise e insatisfação popular, nomeou Hitler como Chanceler⁴ da Alemanha, marcando assim o início do fim da República de Weimar e o advento do Terceiro Reich. Ao fim deste, Hitler tomou a decisão de investir na propaganda e grandes eventos nacionais. (MICHEL, 1977; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

⁴ Chanceler é o chefe de governo da Alemanha que obtém o papel de presidir o Parlamento e servir o primeiro-ministro do Kaiser.

1.2 O Crescimento do Antissemitismo na Europa

O preconceito direcionado aos judeus não é algo novo na história do Ocidente, do Mundo Moderno ou o atualmente intitulado antissemitismo. Contudo, ao falar do Holocausto, referimo-nos a uma forma específica de preconceito étnico, que se tornou uma ferramenta de disseminação de puro ódio contra uma estabelecida etnia. Embora suas raízes remontem à Antiguidade, o antissemitismo atingiu seu ápice durante o regime nazista, resultando na discriminação, segregação e assassinato em massa dessa população em uma escala tão impensável, que, pela primeira vez, a humanidade precisou se unir para combater tal força e ódio, já anteriormente disseminada. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.).

Para sustentar e alimentar esse preconceito racial, os nazistas culpabilizavam os judeus pelos males que mais aterrorizavam a sociedade alemã naquele momento que, seriam causadores de todo e qualquer problema social, econômico ou político. Aliado aos conceitos já conhecidos de eugenia⁵ e darwinismo social⁶, durante o Holocausto, a perseguição aos judeus foi marcada por um antissemitismo particular, que descrevia a população judaica como parasitas virulentos e subumanos. Essa escolha de um inimigo público não foi apenas uma decisão moral, mas também uma resposta pela violência e estigmatização do outro, a uma profunda crise econômica, que gerava miséria e alimentava valores nacionais e étnicos. Nesse contexto, os ideais de hierarquia racial emergiram, promovendo uma segregação mundial baseada na noção de raças, caracterizando o fascismo e o nazismo como regimes que prosperam em tempos de crise. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.).

Além da população judaica, outros grupos étnicos e sociais foram alvo da ideologia nazista, refletindo um espectro mais amplo de intolerância. Os ciganos, considerados *racionalmente inferiores*, enfrentaram perseguições severas. Os homossexuais, especialmente os homens gays, também foram alvo da repressão, sendo enviados a campos de concentração e marcados com o triângulo rosa. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.).

⁵ Eugenia é uma pseudociência, infestada de problemas de natureza ética, que pretende melhorar a qualidade genética da população humana, frequentemente por meio de reprodução seletiva ou outros meios.

⁶ O “darwinismo social” é uma teoria baseada na ideia de que a sociedade se divide em grupos superiores e inferiores, e que os inferiores devem ser aperfeiçoados pelos superiores.

A ideologia nazista, fundamentada em uma visão distorcida, de pureza racial, criava uma hierarquia onde judeus e esses grupos eram vistos como ameaças à "saúde" da nação. Este discurso não apenas alimentou o antissemitismo, mas também legitimou a violência contra qualquer grupo que fosse considerado fora dos padrões arianos. O crescimento do antissemitismo estava, portanto, entrelaçado com uma ampla gama de preconceitos raciais, criando um clima de ódio que permeava a sociedade alemã e culminava em políticas genocidas. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.).

Neste contexto, os alemães – considerados pertencentes à recém nomeada “raça ariana” e superiores a qualquer outra – consideravam-se figuras divinamente escolhidas para lutar/sobreviver contra as demais raças ditas “inferiores”. Tal argumento visava que os judeus, eram uma ameaça à longevidade do Terceiro Reich e necessitaria, obrigatoriamente, ser removida da sociedade alemã. Esse clima de hostilidade foi amplamente explorado nas propagandas políticas do regime nazista, que buscavam desumanizar ainda mais os judeus. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

18

1.3 A Propaganda Política Nazista como Instrumento de Poder

A propaganda política busca imbuir o povo, como um todo, com uma doutrina... A propaganda para o público em geral funciona a partir do ponto de vista de uma ideia, e o prepara para quando da vitória daquela opinião. (HITLER, 1926, pág. 100)

A afirmação acima, extraída do livro *Mein Kampf*⁷, ilustra a utilização da propaganda política como um instrumento para disseminar o ideal particular nazista – o qual abrangia também o racismo, o antissemitismo, a eugenia e o anti-bolchevismo⁸. A principal natureza das investidas na propaganda para Hitler era promover um sentimento de pertencimento ao grupo, ou seja, o líder nazista pregava o nacionalismo e o arianismo de uma maneira divina, construindo assim no imaginário político, a ideia de uma nova nação alemã, pura e próspera. (MONTEIRO, 2013; Enciclopédia do Holocausto)

⁷ O livro *Mein Kampf* (que significa “minha luta”), escrito por Adolf Hitler, promovia os principais elementos do nazismo: um antissemitismo raivoso, uma visão de mundo racista, e uma política agressiva direcionada a conseguir o espaço vital na Europa Oriental.

⁸ Antibolchevismo se refere à oposição ao bolchevismo, a ideologia política associada ao Partido Bolchevique na Rússia, que liderou a Revolução de Outubro em 1917.

Segundo os preceitos de Hitler, também expressos em *Mein Kampf*:

a arte da propaganda consiste em ser capaz de despertar a imaginação pública fazendo apelo aos sentimentos, encontrando fórmulas psicologicamente apropriadas que chamam a atenção das massas e tocam os corações (HITLER, 1926, pág. 120).

Com isso, a propaganda política pode ser utilizada como uma ferramenta de manipulação social a qual pode tender a provocar determinadas paixões, ressentimentos ou sensibilidades perante uma população.⁹ (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Uma das suas primeiras decisões ao ser nomeado foi à criação de um novo Ministério da Informação Popular e da Propaganda, cuja organização foi confiada a Joseph Goebbels, que possuía como objetivo a garantia de que a “mensagem nazista” fosse transmitida com sucesso através da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, estações de rádio, materiais escolares e imprensa. Os cidadãos alemães eram constantemente bombardeados com alertas sobre uma possível luta contra inimigos soviéticos e a ameaça judaica. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

19

Imagem 01: Propaganda antissemita nazista – “Der Giftplz” (O Cogumelo Envenenado)

⁹ De acordo com o sociólogo Pierre Ansart (1994) podemos dizer que determinadas técnicas de utilização das propagandas podem ser manipuladas para contemplar o objetivo de produzir uma forte e sensível emoção social, as quais podem ser movidas conforme o período histórico, e, no caso de regimes totalitários, são movidas por idolatria ao chefe, à pátria/ nação ou até mesmo o antissemitismo.



Legenda: Crianças alemãs absorvendo propaganda antissemita através do livro “Der Giftpilz”, publicado pelo regime nazista. O volume complementar “Confie tanto no juramento de um judeu quanto em uma raposa no mato” reforça a ideologia de ódio e intolerância. Fonte: Enciclopédia do Holocausto, 1938.

De certa forma, a mensagem nazista foi entregue aos alemães gradualmente, onde foi alimentada uma Alemanha para o início dos atos racistas e violentos contra os judeus. Para além dessa aceitação popular, as propagandas disseminadas pelo Terceiro Reich¹⁰ também preparavam o povo para uma futura guerra, espalhando uma perseguição imaginária dos demais povos contra o povo alemão. Realizando o exercício de poder acima das propagandas políticas, os nazistas procuravam a todo custo gerar no imaginário popular a ideia de lealdade política absoluta e uma “consciência racial” entre a população alemã. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Para além das propagandas, o cinema também possuiu um particular papel na disseminação dos ideais do antissemitismo racial, retratando os judeus como seres subumanos que se infiltraram na sociedade ariana. Sob título de exemplificação, o filme de 1940, “O Eterno Judeu”, dirigido por Fritz Hippler, retratava os judeus como parasitas culturais consumidos por sexo e dinheiro. Além de outras obras como “O Triunfo da

¹⁰ O Terceiro Reich foi o regime totalitário nazista liderado por Adolf Hitler (1933-1945), estabelecendo um Estado de controle absoluto do partido nazista e baseado em ideologias racistas, ultranacionalistas e expansionistas. (HOBSBAWM, 1995)

Vontade”, de 1935, o qual exaltava a idolatria a Hitler e promovendo o orgulho nacional. Com isso, o regime nazista utilizou das propagandas políticas e os demais meios artísticos como um equipamento extremamente eficaz para obter o apoio ou o consentimento tácito dos alemães para promover políticas de remoção permanente dos judeus do seu território. (MONTEIRO, 2013; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

1.4 O Boicote ao Comércio Judaico

A primeira ação pública e coordenada do regime nazista contra a população judaica foi o “*Judenboykott*” - boicote ao comércio judaico - realizado em 1º de abril de 1933. Orquestrado pelos membros do partido nazista, tal boicote foi apresentado à população alemã como uma medida de retaliação contra os judeus e todo grupo que se opusesse ao regime nazista instaurado – nota-se que nesse momento ocorria o ápice da disseminação pública dos ideais anti-semitas e dos devaneios, criados e disseminados pelos nazistas, alegando a culpabilização judaica sob a crise alemã e o eventual perigo que a mesma pudesse causar a longevidade da raça ariana. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Com isso, o boicote se iniciou às 8h da manhã, onde jovens nazistas uniformizados(chamados de Stormtroopersou Tropas das AS) e membros da Juventude Hitlerista se posicionaram a frente de lojas, consultórios médicos, escritórios de advocacia ou qualquer estabelecimento identificado como uma propriedade judaica, a fim de ameaçar e intimidar qualquer possível cliente e seus donos. Para além da figura autoritária das tropas, os nazistas desfrutaram das mais diversas formas de propaganda anti-semita; placas foram empregadas a frente de cada estabelecimento com frases como: “Não compre de judeus!” e “Os judeus são nossos infortúnios!”, ou até mesmo “alemães! Defendam-se! Não comprem de judeus!”. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Imagem 02: Boicote ao comércio judeu na Alemanha, abril de 1933



22

Legenda: Membros das Tropas de Assalto colam cartazes de boicote em loja de propriedade de judeus, incentivando os alemães a boicotar o comércio em loja de prioridade de judeus, incentivando os alemães a boicotar o comércio judeu. Um cidadão alemão, com braçadeira nazista, ajuda a distribuir os cartazes. (Fonte: Enciclopédia do Holocausto, abril de 1933).

Além disso, as propriedades foram submetidas a uma identificação forçada, grafitando em sua fachada uma Estrela de Davi e/ou a palavra “Jude” (palavra alemã

para “judeu”). Membros do partido e soldados da AS dirigiam e marchavam pelas ruas cantando lemas antijudaicos e canções nazistas. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Tais medidas tinham o único motivo de remover qualquer influência judaica perante a economia alemã, falsamente justificada por um discurso de vingança a grande depressão que assolava a Alemanha – segundo eles, originada pelos judeus - mas fortemente ordenada de crenças anti-semitas e hediondas. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

A recusa dos judeus, além do antissemitismo histórico, está intrinsecamente ligada à natureza antiliberal do fascismo. Este regime se opõe aos princípios do liberalismo, que promovem a liberdade individual e a igualdade de oportunidades, enquanto os judeus, historicamente, têm se destacado em atividades comerciais, bancárias e financeiras. A recusa do liberalismo pela ideologia nazista fez dos judeus, na visão fascista, um bode expiatório conveniente. Assim, o fascismo não apenas atacou os judeus como indivíduos, mas também a ideia de um sistema econômico que promovia a autonomia e a liberdade, características opostas à sua visão totalitária. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Neste contexto, a imprensa nazista se alinharia as medidas violentas do boicote a fim de colocar em ação o isolamento judaico socialmente – usufruindo-se da mídia para disseminar os ideais anti-semitas das formas mais diversas e eficientes - e economicamente – empregando, em um único dia, a exclusão econômica dos judeus de maneira coordenada, discriminatória e autoritária. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Para além destas medidas opressivas ao comércio judaico, em meio a um boicote que teoricamente não seria violento, nazistas violentaram e espancaram judeus que se revoltavam com tal ação e, em alguns casos, matavam a sangue frio na presença de familiares, filhos e amigos. Este, portanto, foi considerado o primeiro evento, dos muitos que viriam acontecer, onde o governo nazista marcava de forma clara e pública a população judaica como um grupo distinto ao ariano, tratando os judeus, de maneira sistemática, como diferentes aos demais alemães. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

O boicote do dia 1 de abril de 1933 foi considerado o único boicote de cunho nacional organizado pelo regime nazista, uma vez que, a partir deste, governos locais e municipais passaram por si só a pressionar proprietários judeus. A criação crescente de

leis regulamentaria sobre o comercio judeu e a insistente presença de nazistas uniformizados causou um alto número de fechamento forçado de lojas judaicas nos anos 30, que aos poucos perderam a sua ativa presença econômica na Alemanha. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

1.5 Leis de Nuremberg: A Instituição da Discriminação Racial

O intuito principal desta contextualização histórica é evidenciar a complexidade do processo de estruturação do nazismo e sua ideologia racista/antissemita na Alemanha que resultou em um dos capítulos mais aterrorizantes da história mundial. O processo de discriminação dos judeus na Alemanha nazista foi gradual e altamente sistemático, ou seja, o governo nazista se apropriou de um cenário inflamado de alta comoção nacional para programar de pouco a pouco as ideias mais sórdidas eugenistas existentes de maneira organizada e politizada. Muitos estudiosos dividiriam este processo de segregação absoluta e genocídio em fases distintas, se iniciando na criação das leis raciais, culminando na formação dos guetos e no início da chamada “solução final”. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.).

As leis Raciais - também conhecidas como leis Nuremberg pelo seu local de anúncio – por sua vez, foram a primeira ação decretada pelo regime nazista que colocava em prática de fato os ideais raciais, ou seja, a partir destas leis de caráter eugenistas acabavam de se tornar efetivas e legais perante a conjuntura da Alemanha nazista. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Além da ativa presença da ideologia antissemita no discurso nazista, Hitler também seguia e acreditava fielmente na teoria de hierarquia racial – que consiste na teoria de que o mundo seria dividido em distintas raças, onde alguns grupos étnicos seriam superiores a outros. Considerando-se membros de uma raça “superior”- dita como raça ariana - considerada pelos mesmos como a mais forte e valiosa, e os demais, como pertencentes a uma raça separada e inferior – dando ênfase à população judaica, que em especial, os nazistas a categorizavam como uma ainda mais inferior das não pertencentes à raça ariana; além disso, os nazistas também acreditavam que a presença dos judeus na Alemanha ameaçava firmemente a pureza do povo alemão, segregando-os a fim de supostamente fortalecer e proteger o território alemão. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Com isso, no dia 15 de setembro de 1935 o regime nazista anunciou o estabelecimento de duas novas leis: A Lei de Cidadania do Reich e A Lei para a Proteção do Sangue e da Honra Alemã. A partir da promulgação desta primeira citada, apenas alemães considerados pertencentes a uma “raça pura” detinham a permissão do regime em possuir a cidadania alemã e usufruir legalmente dos seus direitos como cidadãos

alemães, instituindo assim um cidadão alemão como uma pessoa de sangue ou parentesco alemão – isto também designava os judeus (ou qualquer raça que se distinguiu a ariana) como não permitidos de serem cidadãos plenos da Alemanha, não possuindo também mais nenhum direito político. Já a Lei de Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã, se respaldava na antimiscigenação – considerada pelos nazistas como “poluição racial” – onde, de agora em diante, casamentos e relações sexuais entre duas raças (judeus e pessoas de sangue alemão) era constitucionalmente proibida. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Tal lei traduz o caráter eugenista da ideologia nazista alemã, quando a justificativa para a sua efetivação é a crença de que tais relacionamentos seriam extremamente perigosos para a pureza da raça alemã, pois, poderiam decorrer no nascimento de crianças “miscigenadas”. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d). O estabelecimento dessas leis também delimitava de maneira clara quem era considerado judeu perante o governo alemão. Segundo as Leis de Nuremberg, uma pessoa seria considerada da “sub-raça” de judeus, a partir do momento que tiver três ou quatro avôs judeus - onde este seria considerado judeu caso pertencesse a uma comunidade religiosa israelita. Como dito anteriormente, as leis também nomeavam pessoas mestiças na Alemanha (não sendo considerados alemães, nem judeus). O nome dado a estes “mestiços” foi *Mischlinge* (pessoas que possuíam dois ou menos parentescos com avôs judeus, sendo subdivididos em: *Mischlinge* de primeiro grau – aqueles que possuíam dois avôs judeus não praticantes do judaísmo – e de segundo grau – os quais tinham apenas um avô ou avó judeus. Uma ação correspondente a esta categorização foi à imposição de comprovantes das identidades raciais dos avôs de vários indivíduos. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Imagem 03: “Die Nürnberger Gesetze” (As Leis de Nuremberg), 1935



Legenda: Ilustração das Leis de Nuremberg, promulgadas em 15 de setembro de 1935. Tais leis raciais definiam critérios para determinar ascendência judaica, proibiam casamentos entre judeus e não-judeus e restringiam direitos civis, marcando o início da perseguição sistemática contra os judeus na Alemanha Nazista. Fonte: Enciclopédia do Holocausto, 1935.

A partir desta, o regime nazista promulgou uma série de leis e decretos antijudaicos que invadiram todo o cotidiano da população judaica alemã, determinando estes como indivíduos legalmente diferentes aos demais alemães, se baseando nas divisões primárias de quem é “judeu” perante as Leis de Nuremberg. Dentre estes decretos e leis estão:

- A Lei da Mudança de Nomes e Sobrenomes de Família (5 de outubro de 1938): Esta declarava que os pais judeus de recém-nascidos deveriam escolher o nome do mesmo a partir de uma lista pré-estabelecida pelos nazistas.
- O Decreto sobre os Passaportes de Judeus (1 de setembro de 1941): A partir da inativação de todos os passaportes já existentes dos judeus alemães, para sua revalidação, os judeus precisariam reenviá-los até um órgão fiscalizador que identificaria aquele documento com um “J”.
- A Regulamentação Policial sobre a Identificação dos Judeus (1 de setembro de 1941): Com esse decreto, todos os judeus na Alemanha foram obrigados a usar uma Estrela de Davi amarela, com a palavra “Jude” (Judeu em Alemão) em seu centro, costurada em todas as suas roupas no lado esquerdo do peito.

Esse cenário de exclusão e perseguição é exemplificado pelo testemunho de Ruth Silten Gabriele, que era a única filha de um casal judeu em Berlim. A vida de sua família, que incluía um avô proprietário de uma farmácia e uma fábrica de produtos farmacêuticos, ilustra como os negócios e a prosperidade da comunidade judaica foram drasticamente ameaçados pela crescente discriminação. O testemunho de Gabriele revela não apenas a perda pessoal e familiar, mas também o impacto devastador das políticas nazistas sobre a identidade e a sobrevivência dos judeus na Alemanha. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.)¹¹.

1.6 Guetos: Segregação e Isolamento dos Judeus

Como já dito anteriormente, a segregação dos judeus tem raízes que precedem qualquer evento pós-Primeira Guerra Mundial, refletindo séculos de antissemitismo. A primeira aparição dos guetos remonta aos séculos XVI e XVII, quando autoridades italianas forçaram os judeus a viver em áreas específicas das cidades (Enciclopédia do Holocausto). Durante a Segunda Guerra Mundial, os nazistas adotaram e expandiram essa prática, criando guetos em regiões urbanas cercadas, onde os judeus eram forçados a se concentrar em condições degradantes. As autoridades alemãs de ocupação estabeleceram o primeiro gueto na Polônia em PiotrkówTrybunalski, no mês de outubro de 1939. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, s/d.).

Milhares de famílias judias foram obrigadas a abandonar suas casas e pertences, compartilhando moradias com várias outras famílias. O saneamento era inexistente; esgotos e lixo eram despejados nas ruas, criando um ambiente insalubre e perigoso. A alimentação era meticulosamente controlada, com mínimas porções de pão, batatas e gordura, projetadas para prolongar o sofrimento sem que uma quantidade excessiva morresse de fome. Durante os rigorosos invernos alemães, não havia fornecimento de

¹¹ Este depoimento a seguir, ilustra bem o que estamos dizendo: Em 1938, os nazistas obrigaram meu avô a vender a fábrica e a farmácia por um valor extremamente baixo a um alemão "ariano". Depois daquele evento, meu pai decidiu que deveríamos nos mudar para Amsterdã onde, na época, era mais seguro para os judeus. Eu tinha cinco anos de idade e queria ficar em Berlim, não entendia o porque de ter que deixar meus brinquedos e amigos para trás. Em Amsterdã, tive que aprender um idioma totalmente novo [holandês] quando comecei a cursar o ensino fundamental, mas logo comecei a fazer novos amigos. Em maio de 1940, a Alemanha invadiu a Holanda. Lembro-me de ter ficado assustada vendo as tropas alemãs marchando pela cidade. Para ir para a escola, passei a ter que usar uma Estrela de Davi amarela na roupa, e não podia mais brincar com meus amigos cristãos. (Ruth Silten Gabriele, In: Enciclopédia do Holocausto, s/d).

combustível para aquecimento ou roupas adequadas; o único alívio do frio intenso era o calor humano gerado pela superlotação desesperadora dessas acomodações. Nesse contexto, dezenas de milhares de pessoas sucumbiram à fome, ao frio, aos maus-tratos e às doenças nos guetos, enquanto muitos, em desespero, optaram pelo suicídio. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

O número de crianças órfãs nos guetos crescia de forma alarmante. Muitas delas vagavam pelas ruas, suplicando por alimentos para compartilhar com os irmãos, e várias morreram de frio e fome durante os rigorosos invernos. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Para os nazistas, a segregação judaica era uma medida “provisória”, uma fase do plano que visava a remoção completa da população judaica e o seu extermínio. Nesse ambiente opressivo, os alemães exigiam que os judeus usassem tarjas em seus braços ou crachás, facilitando sua identificação e a execução de trabalhos forçados em benefício do Reich Alemão. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

A vida cotidiana nos guetos era regulamentada por um departamento especificado conselho judaico, que impunha ordens a serem seguidas, muitas vezes reforçadas por uma força policial intensa. Este Conselho Judaico era formado por judeus escolhidos pelos nazistas, que, tragicamente, eram forçados a colaborar na deportação de suas próprias comunidades para os campos de extermínio. A submissão e o terror atingiam seu ápice nesse cenário. As autoridades alemãs utilizavam sua posição de poder para cumprir seus caprichos mais sórdidos; a desobediência resultava em punições imediatas, muitas vezes letais. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Pode-se afirmar que os guetos representaram uma etapa crucial para o que hoje entendemos como Holocausto, promovendo o total controle nazista sobre a população judaica, sua desumanização e eventual extermínio em massa. Esses espaços não eram apenas lugares de confinamento, mas também símbolos da brutalidade do regime nazista e da resistência da humanidade diante da opressão. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

O testemunho de Arthur Menke, que nasceu em uma família judia em Hamburgo, ilustra bem essa realidade. Com um pai que possuía uma pequena fábrica de carimbos de borracha, Arthur cresceu em uma cidade que, na década de 1930, abrigava a quarta maior comunidade judaica da Alemanha, repleta de instituições sociais e culturais vibrantes. Sua história destaca como, antes da ascensão do nazismo, a vida judaica era rica e diversificada, o que torna ainda mais trágico o impacto devastador das políticas de

exclusão e confinamento:

Em 1935 as condições dos judeus de Hamburgo estavam ruins. Minha família foi transferida para outra parte da cidade e, em 1938, os nazistas tomaram o negócio do meu pai. Nos feriados nacionais, muitos cidadãos alemães estendiam bandeiras nazistas com as cores vermelha, branca e preta para mostrar patriotismo. Minha irmã e eu fizemos nossa bandeira "nazista" e a penduramos na janela. Meus pais ficaram bravos conosco e a tiraram do parapeito. Nós dois não podíamos entender porque não nos era permitido apoiar nosso próprio país. Em 1941 fui deportado para o Gueto de Minsk, na União Soviética, a uma distância de 1.300 quilômetros a leste. O gueto era imenso, tinha 85.000 pessoas. Fui colocado para trabalhar em uma base militar alemã próxima, cortando turfa para ser usada como combustível. Os soldados que faziam parte do exército convencional não tratavam os prisioneiros de uma forma tão violenta quanto os soldados das SS. Indo e voltando do local de trabalho, eu empurrava a bicicleta de um guarda para ele. A comida era tão pouca que um dia ele me trancou no depósito de batatas para que eu roubasse algumas para ele mesmo, e ele deixou que eu ficasse com algumas delas. Entramos no campo com elas escondidas em sua bicicleta. Depois de passar dois anos escravizado em Minsk, Arthur foi deportado para diversos outros campos na Polônia, trabalhando como soldador de fuselagem de aviões. Sua libertação chegou quando ele fazia parte de uma marcha forçada, a "marcha da morte", para o campo de Dachau, em 1945 (Enciclopédia do Holocausto, s/d.).

30

1.7 O início da Solução Final: O Planejamento e a Execução do Genocídio

A chamada Solução Final, entre tantos outros, foi um dos episódios mais tenebrosos do Holocausto. Os campos de concentração – inicialmente construídos para concentração de prisioneiros políticos – foram estabelecidos no ano de 1933, sendo um grande passo na trajetória do Holocausto, por se tratar de um instrumento de repressão e controle social orquestrado pelo Estado Nazista. Sob este contexto, somente opositores ao regime, homossexuais, deficientes mentais, testemunhas de Jeová e outros grupos considerados “perigosos” para a sociedade alemã foram aprisionados e submetidos ao trabalho forçado. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Paralelamente a isto, o regime nazista implementou uma série de programas de eutanásia e esterilização em massa, sendo justificados pelo idealismo da “higiene racial”. A operação T4, por exemplo, visava a eliminação de indivíduos com deficiência, considerados fardos para a sociedade. Tais programas manipulavam a decisão natural de quem deveria morrer ou viver segundo os preceitos nazistas, estabelecendo assim um precedente para a desumanização desses grupos. (HOBSBAWM, 1995;

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

A transição dos guetos para a Solução Final é demarcada por uma escala brutal e exponencial de políticas antijudaicas. Os guetos serviram como um método de isolamento da população judaica e como uma ferramenta de controle para a eventual deportação desta população para os futuros campos de concentração. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

Em 1941, as unidades móveis de extermínio, começaram a executar em massa judeus e outros grupos considerados "inimigos do Reich". Essa fase foi um prelúdio à implementação da Solução Final, que formalizou a intenção de exterminar os judeus europeus. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

O extermínio sistemático, que se consolidou em campos como Auschwitz, Treblinka e Sobibor, revelou a profunda desumanização que permeava a ideologia nazista. Os métodos de extermínio, que incluíam câmaras de gás e execuções em massa, tornaram-se símbolos do horror do genocídio, onde milhões foram assassinados em condições brutais. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

O processo de desumanização ocorre em sete etapas: a definição do grupo de vítimas (identificando as suas características), o registro das vítimas para proceder à sua expulsão do convívio social, a designação (no caso dos judeus, atribuindo-lhes uma estrela de David nas suas roupas), a restrição e confisco de bens, a exclusão, o isolamento sistemático e finalmente o extermínio (Pérez, 2014, pág. 73).

Com a implementação da Solução Final, o regime nazista alcançou seu ápice de brutalidade, resultando no assassinato sistemático de seis milhões de judeus e milhões de outras minorias consideradas indesejáveis. No entanto, a maquinaria de morte continuou se aprimorando. Nos Campos de concentração, médicos e cientistas alemães conduziram experimentos médicos atrozes, explorando os limites da dor e sobrevivência de vítimas desumanizadas. O capítulo a seguir se aprofundará em tais experimentos, enfatizando a raiz ideologia racista e pseudocientífica que foram embasadas para falsamente justificar os crimes contra a humanidade em nome do *progresso* e de uma *pureza racial* inesistente. Isto nos impõe um debate permanente e sempre urgente sobre a legitimidade do uso posterior e atual dos resultados obtidos por meio de experimentos realizados em prisioneiros. A reflexão sobre esses temas é fundamental para entender o legado sombrio que essas práticas deixaram e para garantir que atrocidades semelhantes nunca se repitam. (HOBSBAWM, 1995; ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO s/d).

CAPÍTULO 2

“MEDICINA NAZISTA” – EXPERIMENTOS MÉDICOS NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

2.1 Introdução à Medicina Nazista e a Experimentação Médica

O grande marco de 1945 foi o declínio do cenário de terror apresentado pelo regime nazista, à medida que as forças aliadas adentravam o território alemão. Neste contexto, toda a Europa já estava novamente submersa ao caos e destruição de uma guerra mundial, o que não seria um fator de grandes surpresas aos soldados aliados. Porém, para além destes, o mundo acabará de encontrar um dos atos mais hediondos realizados pela humanidade, a descoberta dos campos de concentração. (MILLER, 2020).

Após a liberação dos (ainda vivos) prisioneiros, a exploração por cada área dos campos foi iniciada. Soldados aliados encontraram a ferrovia onde embarcavam os prisioneiros e onde se eram feitas as primeiras triagens, os galpões onde os prisioneiros dormiam amontoados e, primordialmente, uma série de documentações que posteriormente foram utilizadas como base de contestação contra os médicos e soldados nazistas durante o julgamento de Nuremberg (1945-1948). (MILLER, 2020).

Ainda hoje, muitos autores, sociólogos e analistas buscam compreender os caminhos centrais de tais atrocidades, buscando analisar a capacidade humana e psicológica dos nazistas de apoiar tão fielmente os ideais de higiene racial. Um deles é o autor Robert Jay Lifton, o qual afirma que “o resultado das atrocidades médicas nos campos de concentração foi um processo gradual, a partir do momento em que os campos se tornaram o melhor lugar possível para médicos com ideais genocidas praticarem seus testes em seres humanos”. (MILLER, 2020. P. 04).

As experimentações médicas eram realizadas em prisioneiros selecionados dos campos de concentração. Tais campos foram construídos desde a ascensão do regime nazista ao poder e possuíam diferentes objetivos, porém, ao final serviram como um local de concentração para o extermínio em massa daqueles ditos como não pertencentes à sociedade alemã, segundo os ideais utópicos nazistas. (MILLER, 2020; PORFÍRIO, 2016).

Inicialmente, os campos serviriam apenas como um aprisionamento de opositores políticos e prisioneiros de guerra, porém, a medida que a discriminação foi sendo legitimada e as ações opressoras do Estado Nazista foram empregadas, a construção de

campos de concentração em toda a Alemanha se tornou incisiva e seus prisioneiros agora eram judeus, homossexuais, ciganos, afro alemães, deficientes (dentre outros grupos) que serviriam para o trabalho forçado em prol do terceiro reich e como cobaias para as maquinarias mais perversas dos médicos nazistas. (PORFÍRIO, 2016).

Apesar de não ser um fator de conhecimento geral, a atuação médica nos campos de concentração era extremamente presente. Tais profissionais eram responsáveis em realizar a seleção dos prisioneiros recém-chegados, determinando quem teria um papel dentro dos campos – trabalho forçado e participação em experiências médicas – e quem teria uma execução direta determinada. Milhares de judeus acabavam de ser deportados, despejados em vagões com milhares de famílias unidas que até mesmo ar faltava, passavam dias nestes trens sem saber para onde seriam realocados. Ao chegarem aos campos, às seleções iniciais ocorriam desembarcando judeus dos trens, ao som de apitos, gritos de ordem e o terror da presença de soldados e seus cães. Neste momento, famílias foram separadas em mulheres, homens e crianças para que os médicos avaliassem cada prisioneiro separadamente. (PORFÍRIO, 2016).

Ao contrario da presença dura dos soldados, os médicos faziam questão de se apresentarem educados e amigáveis para saber o verdadeiro estado de saúde ou a ocupação deles (Porfírio, 2016). Ao se deparar com indivíduos doentes, fracos, muito jovens ou muito idosos, estes mesmos médicos aparentemente cordiais os condenavam ao extermínio nas câmaras de gás. (PORFÍRIO, 2016).

Paralelamente a isso, a esterilização em massa de pessoas com deficiências físicas ou mentais, pessoas com incapacidades avançadas e crianças nascidas com defeitos congênitos foram submetidas à esterilização involuntária, sendo uma ação primaria de “restauração racial” na Alemanha, impedindo que indivíduos que “não mereciam viver” pudessem vir a gerar crianças semelhantes. Médicos e parteiras eram obrigados a relatar o nascimento de qualquer criança com anomalia genética – neste processo de identificação e esterilização em massa, 350-400.000 alemães foram esterilizados entre 1934 e 1939 (LÓPEZ, 2010). (PORFÍRIO, 2016; LÓPEZ, 2010).

Tais ações foram se intensificando, até se tornarem procedimentos padrões dentro dos campos, utilizando prisioneiros como cobaias para testes de esterilização em massa de maneira rápida e fácil. Nesses experimentos, o médico responsável Dr. Horst Schumann optou pela esterilização utilizando a radiação em homens e mulheres que, após algumas semanas após serem expostos, teriam seus órgãos reprodutores retirados do seu corpo para servirem como objeto de estudo. (LÓPEZ, 2010).

2.2 Aplicações Científicas para Ideologia do Terceiro Reich

A Seção Médica de Defesa (Sanitätsstaffeln) foi uma organização paramilitar nazista, instituída em 1934, que desempenhou um papel significativo na formação de futuros médicos durante o regime militar. Tal organização tinha vínculo com a Universidade de Frankfurt, a qual se tornou um centro de recrutamento de muitos estudantes de medicina. (CARRASCO, 2020)

Apenas 90 anos se passaram desde a instituição legal de uma organização médica que preparava jovens estudantes a realizarem operações de “higiene racial” e experimentos médicos, que posteriormente foram autores das atrocidades realizadas nos campos em prol de uma pseudociência. É no mínimo assustador pensar que, em tão pouco tempo, uma universidade declarava tais valores pseudocientíficos racistas perante os alunos, e os treinava para a realização de experimentos médicos fundamentados nesta ideologia nefasta. Isso foi numa realidade, um jovem alemão estudante chegava a uma universidade e tinha aulas sobre “higiene racial” como uma ciência efetiva. (CARRASCO, 2020)

Os fundamentos da ideologia nazista são respaldados pelas idéias de “raça” e “pureza de sangue” oriundas do cenário científico europeu, transmitindo aos seus seguidores a o imaginário do Nacional-Socialismo, por eles criado, como um fruto de um conjunto de biologias aplicadas que legitimariam todas as ações racistas de caráter científico comprovado. (ESPINAL, 2017).

Nota-se que o cenário científico e médico da Europa se encontrava no auge do tratamento de ideias sobre superioridade racial - as quais não foram impedidas, e sim alimentadas até o momento que grandes pensadores buscam a todo custo compreender como atos tão hediondos foram realizados e legitimizados em prol de uma pseudociência. Tais bases supostamente científicas foram distorcidas a partir do evolucionismo¹² de Charles Darwin, o qual foi aplicado na sociedade, tornando-se darwinismo social e defendendo a necessidade de uma hierarquização racial, onde a raça ariana se estabelecesse como superior as demais. (ESPINAL, 2017; GONÇALVES, 2006).

Segundo tal teoria, as demais raças ditas como “inferiores” consistiam na

¹² O evolucionismo é uma teoria desenvolvida para explicar as alterações sofridas pelas diversas espécies de seres vivos ao longo do tempo, afirmando que a sua sobrevivência está relacionada com sua seleção natural. Fonte: Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/evolucionismo.htm>> . Acesso em: 20/10/24.

degeneração da raça ariana. Estes mesmos indivíduos, não conseguiram se adaptar as realidades ambientais e históricas ao longo do tempo, portanto, sua reprodução sempre resultaria em seres que não seriam capacitados de sobreviver perante a raça “superior”.

Para transmitir o discurso nazista a população alemã foram utilizadas diversas ferramentas midiáticas anteriormente discutidas, com a utilização de diversas metáforas relacionadas à saúde para o entendimento geral da nação. (MILLER, 2020; ESPINAL 2017).

A título de exemplificação pode-se citar a comparação da sociedade a organismos celulares, onde os judeus seriam células malignas cancerosas, e, para que não houvesse espalhamento desses “cânceres” seria necessária a eliminação completa de todas as células que o causavam. Tal associação explica a maneira com que o nazismo apresenta os judeus como “parasitas” em seu discurso antissemita, trazendo mais uma vez algum valor pseudocientífico para tais discursos tenebrosos, sem nenhum fundamento. (ESPINAL, 2017).

Sob este viés, acredito que tais cicatrizes históricas somente foram capazes de acontecer ao momento que se determinou socialmente a naturalização da idéia de “superioridade racial”. Ainda mais responsáveis, as grandes potências mundiais que adotaram uma postura isenta durante todo o processo de ascensão do nazismo e sua ideologia também permitiram que tal cenário acontecesse. (ESPINAL, 2017).

É evidente que a determinação dessa superioridade racial transcende a ascensão do nazismo da Alemanha, porém, nunca foi interrompida ao momento que se tornou uma prática autolegitimada que legitimava o extermínio de milhares de pessoas. (ESPINAL, 2017).

2.3 Experiências Médicas Nazistas em Campos de Concentração

Eu fui separada da minha irmã gêmea e levada para uma sala onde Mengele estava. Ele me fez perguntas sobre minha saúde e depois me injetou uma substância desconhecida. Eu senti uma dor intensa e comecei a ter convulsões. Mengele observou-me com interesse, como se eu fosse um animal de laboratório (Enciclopédia do Holocausto, s/d).

O testemunho de Eva Mozes Kor, de apenas 10 anos à época, é apenas um exemplo dos milhares de vítimas de experiências médicas nazistas, que sacrificaram

humanidade e saúde em nome da “ciência”. (MILLER, 2020).

Apesar do caráter investigativo da maioria desses experimentos, é possível dizer que tais experimentos se iniciaram pelo desejo dos nazistas de monopolizar todos os aspectos da sociedade e afirmar seu domínio. Com o sucesso de suas forças armadas, nada os impedia de expandir seu território e ideologia. Pode-se dizer que as experiências médicas com seres humanos surgiram como uma tentativa de controlar a ação de forças externas aos soldados durante a batalha, considerando necessário tentar combater esses possíveis impedimentos através de experimentação humana. (MILLER, 2020; ESPINAL, 2017).

Todavia, muitas outras experiências médicas foram realizadas de distintas finalidades. Como exemplo deste, podemos citar os experimentos de caráter biotecnológico e os experimentos de caráter intrínseco eugenista. (ESPINAL, 2017)

2.3.1 Experimentos de Sobrevivência Extrema

A finalidade de tais experimentos se deve a um dos pilares constituintes da ideologia nazista, de que seu regime deveria ter o monopólio completo de todos os aspectos da sociedade, o qual dependia da excelência dos soldados alemães nos campos de batalha e a expansão do seu domínio. (MILLER,2020).

Para isso, os nazistas realizaram uma série de experimentos que simulavam determinados cenários relativos aos soldados nos campos de batalha, a fim de prevenir qualquer obstáculo a sua dominação. Para a longevidade da raça ariana, milhares de judeus e outros prisioneiros serviram de cobaias para os testes cuéis de resistência humana

Sob este pretexto, presos foram submetidos a simulações de quedas de altura, foram obrigados a ingerir água salgada e experimentos relacionados a hipotermia. O campo de concentração de Dachau¹³ foi considerado o primeiro campo a realizar experiências médicas, tendo como condutor o Dr. Sigmund Rascher (fundador de um método para desafiar as limitações corporais dos seus soldados). (MILLER,2020).

Experiências de altitudes extremamente elevadas, temperaturas abaixo de 0°C e a ingestão de água do mar tóxica foram algumas dos milhares de testes que visavam

¹³ O campo de concentração de Dachau foi o primeiro criado em março de 1933. Ele se localizava nas dependências de uma fábrica de munição abandonada, próxima à parte nordeste da cidade de Dachau, cerca de 16 quilômetros ao noroeste de Munique, no sul da Alemanha. Fonte: Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/dachau>. Acesso em: 20/10/24.

determinar a capacidade visceral e o ponto de deterioração corporal em pessoas.

(MILLER,2020).

Como exemplo, pode-se citar os experimentos realizados com objetivo de encontrar uma forma de tratamento eficaz para vítimas de hipotermia por imersão¹⁴. Neste, cerca de 280 a 400 prisioneiros foram submersos á força em banheiras onde a temperatura variava de 2°C e 12°C, por um período não determinado, afim de estudar os efeitos de cum evento ocorrido sobre o mar do Norte, durante a Segunda Guerra, num conflito contra a Rússia. (MILLER,2020).

Nesta ocasião. Muitos sobreviventes ficaram flutuando em águas congelantes por horas, o que ocasionou um processo de hipotermia, queimaduras pelo frio, perda de membros devido a infecções gangrenadas e a morte de tecidos corporais saudáveis nos soldados ainda vivos. Evidentemente, na maioria das Nesta ocasião. Muitos sobreviventes ficaram flutuando em águas congelantes por horas, o que ocasionou um processo de hipotermia, queimaduras pelo frio, perda de membros devido a infecções gangrenadas e a morte de tecidos corporais saudáveis nos soldados ainda vivos. Evidentemente, na maioria das vezes tais experimentos resultavam na morte daquela pessoa, porém, aqueles que sobrevivessem foram colocados rapidamente em água quente – geralmente fervendo - com intuito de aquecê-los com submersão imediata. (MILLER, 2020).

As motivações nazistas para a execução desses testes era prever a resposta do corpo alemão ao trauma das temperaturas da água abaixo de zero e como poderiam prevenir os efeitos de uma hipotermia. (MILLER,2020).

Para além deste, a implementação de uma série de testes que exigiam que os prisioneiros fossem colocados em câmeras pressurizadas¹⁵ que poderiam simular as condições ambientais (em termos de altitude) que chegam a quase 70.000 pés. Cerca de 200 presos foram colocados nessas câmaras, onde 80 morreram devido à falta de oxigênio e a incapacidade do seu corpo de suportar tal pressão, implodindo por completo. (MILLER,2020).

¹⁴ É uma condição que ocorre quando o corpo fica muito frio após ficar submerso em água fria ou cair nela.

¹⁵ São estruturas projetadas para manter uma pressão interna diferente da pressão externa, sendo utilizados em aeronaves, submarinos, equipamentos espaciais etc.

Imagem 04: Vítima Cigana em Experimento Médico Nazista



Legenda: Prisioneiro cigano submetido a experimento médico para testar método de dessalinização de água marinha em água potável, Campo de Concentração de Dachau, Alemanha, 1944. Fonte: Enciclopédia do Holocausto, 1944.

Imagem 05: Vítima de Experimento Médico Nazista em Dachau



Legenda: Prisioneiro submetido a experimento de hipotermia em água quase congelada, sob supervisão do médico das SS, Sigmund Rascher, Campo de Concentração de Dachau, Alemanha, 1942. Fonte: Enciclopédia do Holocausto, 1942.

2.3.2 Experimentos de Manipulação Biológica

Como dito anteriormente, o início da experimentação médica nos campos de concentração se deve a ambição alemã de obter o melhor desempenho nos campos, porém, não somente as limitações do corpo humano seriam potenciais fatores prejudiciais dentro dos campos de batalha. Os nazistas estavam cientes de que a ocorrência de diversas doenças e lesões sofridas neste contexto estaria fora do seu controle. Alinhado a isso, eles determinaram a necessidade de uma tentativa de combate a essas condições, estudando possíveis curas e tratamentos através da experimentação humana. Tais descobertas seriam empregadas tanto para benefício de sujeitos doentes na linha de frente, tanto para longevidade da própria sociedade alemã. (MILLER,2020).

Segundo a historiadora Naomi Baumslag (2005), os homens que lutavam em nome do Terceiro Reich eram propensos a várias doenças, algumas inconvenientes e alguns letais, incluindo malária, tifo, tuberculose e hepatite. A partir disso, os “cientistas” nazistas iniciaram uma série de procedimentos biotecnológicos de inoculação de microorganismos em prisioneiros, injetando-lhes formas primitivas de vacinas que produziam efeitos colaterais diversos. (MILLER,2020).

Neste cenário, visualizamos claramente a distorção científica aplicada pelos médicos nazistas a partir da justificativa de milhares de mortes como essencial para a causa científica. Afinal, segundo tais ideais assustadores classificavam os judeus como cobaias dispensáveis – legitimando a morte de vários judeus como necessário para salvar os verdadeiros destinatários dos avanços médicos, os alemães. (MILLER,2020).

Em meio de uma guerra mundial que se baseava na utilização de artilharias e bombas, diversos soldados foram atingidos com ferimentos nunca antes vistos. O tratamento dessas lesões devastadoras foi um fator crucial para a taxa de sobrevivência dos soldados alemães, porém, para que houvesse o desenvolvimento de tratamentos e terapias que salvam vidas, um campo de concentração específica foi destinado a execução do sacrifício dos prisioneiros a partir de experimentações. (MILLER,2020).

O campo de Ravensbrück¹⁶ foi o escolhido para execução dos testes, que

¹⁶ O campo de Ravensbrück foi um feito exclusivamente para mulheres e um dos primeiros a serem abertos – em 1939, pouco antes do início da guerra. Se localizava a 80 km de Berlim. Fonte: BBC NEWS - “O esquecido campo de concentração nazista só para mulheres”, 2015. Disponível em:

consistiamem transplantes de órgãos, ossos, nervos, músculos e o teste de antibióticos. Os médicos nazistas realizaram diversos procedimentos de remoção, dissecação e transplante de ossos fragmentados – intencionalmente quebrados - tecidos nervosos e musculares a fim de estudar possíveis métodos regeneração após lesões. (ESPINAL,2017).

Tentativas cirúrgicas de transplante de pernas e braços de vitimas saudáveis no corpo de outros prisioneiros, sendo realizado sem qualquer anestesia local ou medicação para redução da dor. Nota-se que, mesmo que se leve o argumento de que o intuito de tais procedimentos fosse encontrar métodos de cura para lesões, eram realizados com pura tortura planejada dos médicos acima dos seus ditos “pacientes”. (ESPINAL,2017).

Imagem 06: Testemunho de Jadwiga Dzido – Vítima de Experimentos Médicos em Ravensbruck



Legenda: Jadwiga Dzido, sobrevivente do campo de concentração, vítima das experiências médicas de inoculação bacteriana mostra a perna com cicatrizes para a Corte de Nuremberg enquanto um médico explica a natureza dos procedimentos nela perpetrados no campo de concentração de Ravensbrück em 22 de novembro de 1942. Fonte: Enciclopédia do Holocausto, 20 de Dezembro de 1946.

Com a necessidade urgente de um tratamento rápido e eficaz para lesões de gangrena gasosa¹⁷, os médicos Karl Gebhardt, Fritz Fischer e Herta Oberheuser receberam autonomia para experimentar distintos tipos de sulfonamidas¹⁸ em prisioneiros de campos de concentração. Submersos ao terror do campo de Ravensbrück, médicos nazistas realizaram incisões de 5 a 10 cm de comprimento nas pernas dos prisioneiros. (ESPINAL, 2017; CARRASCO, JESÚS 2020).

Cada grupo de prisioneiros teve sua ferida contaminada com bactérias e outras substâncias como maravalhas e fragmentos de vidro. Uma vez operados, os prisioneiros foram tratados com diferentes sulfonamidas.

As feridas eram acompanhadas em sua evolução, não sendo prestada nenhuma espécie de cuidados a estas feridas com intuito do proposital agravamento das infecções. Embora as mulheres implorassem em voz alta, não receberam analgesia para acalmar a dor intensa e a febre alta causada pela infecção. (ESPINAL, 2017; CARRASCO, JESÚS 2020).

Essa prática cruel é confirmada por outro relato de um sobrevivente que descreve como as operações realizadas sem anestesia ocorriam.

No início faziam as operações sem nenhum tipo de anestesia, mas como a enfermaria ficava ao lado do quartel dos oficiais, aparentemente eles reclamaram porque os gritos os incomodavam. Aí começaram a nos dar morfina ao longo do dia. Vivíamos num estado de semiconsciência, sem saber muito bem o que estava acontecendo (ARMENGOU, 2008 pág. 203).

42

2.3.3 Experimentos de Caráter Eugenista

Poderíamos dizer que o papel dos médicos no Terceiro Reich foi essencial para a implementação do projeto de “higiene racial” defendido pelo partido nazista. É por isso que a relação criada durante estes anos entre a medicina e a política foi muito estreita. Estima-se que 45% dos médicos alemães aderiram ao partido nazista (Nahara Espinal, 1986), tornando-se sete vezes mais comum encontrar um médico dentro da SS do que qualquer outro profissional. (ESPINAL, 2017).

Tal fator não se dá ao acaso, a participação médica no partido nazista e nos campos de concentração embasava as crenças eugenistas e a sustentação do patrimônio genético alemão. Para além das experiências médicas anteriormente citadas, outros

17 A gangrena gasosa é uma infecção bacteriana grave e potencialmente fatal que afeta o tecido muscular.
18 Sulfonamidas são um grupo de antibióticos sintéticos que combatem bactérias gram-positivas e gram-negativas.

experimentos eram realizados em diversos campos de concentração a fim de justificar a ideologia eugenista nazista e desenvolver métodos de arianização em crianças. (ESPINAL, 2017).

Sob este viés, para a garantia de um regime nazista duradouro, foi determinado que a erradicação da comunidade judaica fosse condição necessária para o desenvolvimento saudável da raça superior. Tal mentalidade racialmente orientada foi o catalisador para os esforços que se foram feitos para a experimentação, esterilização e esforços de pesquisas genéticas conduzidas dentro dos campos de concentração, em virtude da proliferação da raça ariana. (ESPINAL, 2017).

Dentro dos limites de Auschwitz, experimentações em crianças e gêmeos foram realizadas para pesquisas que possuíam o intuito de promover estratégias de procriação de futuras crianças arianas perfeitas. Estas pequenas vidas eram selecionadas cuidadosamente assim que chegavam aos campos, separados de suas famílias, os gêmeos e as crianças foram enviados a uma unidade habitacional específica e separada, onde somente os médicos possuíam acesso. (MILLER, 2020).

Diferentemente dos demais prisioneiros dos campos, as crianças eram cercadas de condições melhores como boa comida, cobertores confortáveis e quentes, beliches confortáveis e mantinham hábitos de higiene. Tal segregação era friamente premeditada para que as crianças confiassem os médicos e guardas para mais facilidade de manipulação das mesmas durante os testes. (MILLER, 2020).

Transfusões sanguíneas, amputações e transplantações sem anestesia, realização de autópsias, injeção de substâncias tóxicas são apenas algumas das diversas experimentações realizadas em mais de 1.000 gêmeos realizadas nesse campo. (MILLER, 2020).

Imagem 07: Vítima Infantil de Experimento Médico Nazista



Legenda: Criança judia exibe cicatriz deixada pela remoção de nódulos linfáticos pelos médicos das SS, após ser injetada com germes da tuberculose como parte de uma experiência médica. Fonte: Enciclopédia do Holocausto, Fevereiro de 1945

Todas as ações do Terceiro Reich perante a população judaica são marcas que jamais serão esquecidas pela história, porém, os experimentos médicos listados nesse capítulo mostra a completa inexistência de humanidade e a apresentação mais sombria da ação humana. Portanto, a fim de tentar demonstrar mais isoladamente a ação dos médicos nazistas perante essas ideologias nefastas e buscar demonstrar um pouco mais de humanidade e individualidade das vítimas desses experimentos, será abordado, de maneira mais aprofundada, um programa de experimentos médicos específicos que ocorreu durante o regime nazista na Alemanha. (MILLER, 2020).

2.4 O Programa Lebensborn: A Produção de “Raciais Puros”

Para além de todos os “conceitos científicos” adotados pelos nazistas para legitimar o extermínio e segregação de milhares de comunidades, Hitler também aderiu à ideologia da *eugenia positiva*, que consistia na preservação dos indivíduos pertencentes à *raça*

superior. Para tal, juntaram os jovens considerados “aptos” na sociedade para a procriação de filhos saudáveis e com as melhores qualidades arianas. (VON OELHAFEN, 2017).

Sob outro extremo, a eugenia negativa tentou impedir a reprodução das raças ditas como inferiores a partir das leis de Nuremberg e os programas de eutanásia. Tal preceito foi empregado no Terceiro Reich através do Programa Lebensborn, no qual sistemas de procriação foram calculados para que mulheres arianas fossem fertilizadas e futuras gerações arianas fossem originadas. . (VON OELHAFEN, 2017).

O desenraizamento é, sem comparação, a doença mais perigosa à qual está exposta a sociedade humana. Quem não tem raízes desenraiza os outros. Quem tem raízes não desenraiza os outros. Ter raízes talvez seja a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana. (WEIL, 1943; VON OELHAFEN, 2017, pág. 181).

A citação acima é utilizada para embasar o estatuto social da organização LebensSpurem (“Rastros da Vida”), que visa promover a reconciliação de vítimas e preservação da memória sob o programa Lebensborn. . (VON OELHAFEN, 2017).

Este segmento do capítulo irá explorar o programa Lebensborn, como uma iniciativa do regime nazista que visava a seleção racial. Tal embasamento se seguirá a partir da autobiografia “As crianças Esquecidas de Hitler”, de Ingrid Von Oelhafen, que partilha sua dura história pessoal – e de outras vítimas – em busca da sua verdadeira identidade e a visão emocionante de uma participante de tal experimento. . (VON OELHAFEN, 2017).

Lebensborn - ou melhor, traduzindo “fonte de vida” – foi um programa criado no ano de 1935 pelo regime nazista. Sua essência se dava pelo objetivo de produzir uma “raça ariana” superior de uma maneira mais acelerada por meio de uma série de seleções e controle da reprodução humana por meio do Estado, sendo fundamentados pela obsessão nazista pela pureza e o conceito de raça ariana – mesmo que nunca tivesse algum verdadeiro viés científico. (VON OELHAFEN, 2017).

Liderado e coordenado pelo infame Heinrich Himmler, o programa Lebensborn se iniciou utilizando uma série de medidas de incentivo a maternidade ariana e a procriação. Mulheres eram condecoradas por terem três ou mais filhos. Oficiais nazistas eram constantemente lembrados da importância de uma próxima geração de arianos “puros” e legítimos. (VON OELHAFEN, 2017).

Seguindo tal critério, as casas de Lebensborn se transformaram em centros de maternidade, onde mulheres alemãs legitimadas procuravam para realizar um parto super equipado e bem instruído, encaminhando seus filhos para a adoção de famílias bem-sucedidas arianas que doutrinarão aqueles bebês seguindo fielmente a educação nazista. . (VON OELHAFEN, 2017).

Todavia, as casas de Lebensborn eram um grande chamativo de um grupo específico de mulheres. Enfermeiras, secretárias, administradoras e outras profissionais fiéis às organizações nazistas e às ideologias do Terceiro Reich que, por ventura se relacionaram com oficiais da SS casados e acabavam engravidando, procuravam as casas de Lebensborn para ter um pré-natal e um parto de maneira profissional e saudável. A equipe médica de Lebensborn consistia em um conjunto sofisticado de médicos, enfermeiras, equipamentos, utensílios e recursos de primeira linha. . (VON OELHAFEN, 2017).

As mães de Lebensborn eram escolhidas a partir da comprovação da sua legitimidadeariana e a do genitor. A partir da aprovação do seu valor racial, as mães eram acompanhadas e seus bebês recebiam os melhores cuidados pré-natal até sua adoção a uma família nazista que criaria aquele indivíduo como um digno jovem alemão que sustentaria fortemente a vitória do Terceiro Reich. (VON OELHAFEN, 2017).

Para garantir uma geraçãoariana de sangue puro, a organização estava disposta a fazer o possível para que essa *raça superior* fosse livre de qualquer deficiência. Como parte do programa de eutanásia Ação T-4, as crianças que nasciam no Lebensborn doentes, com atraso de desenvolvimento ou deficiência intelectual eram mortas. Dava-lhes tranqüilizantes para que parassem de chorar e os deixavam sem cuidados e sem alimentação propositalmente. Sob tal contexto, se fez exposto que 147 crianças tinham sido assassinadas no Departamento de Crianças Especiais de Brandemburgo – programa nazista que consistia em “selecionar” e “tratar” crianças “indesejáveis” ou “incapazes”- sem contar com a quantidade indefinida de crianças mortas nas próprias casas Lebensborn. (VON OELHAFEN, 2017).

Essas mesmas crianças cruelmente assassinadas eram nascidas no Lebensborn, pois seus pais foram submetidos a exames e avaliações que os classificaram como uma linhagem apropriada para a geração da raça superior, segundo a ideologia deturpada a qual os mesmos assassinos acreditavam. (VON OELHAFEN, 2017).

2.4.1 Germanização: “tenha sua identidade extirpada”

Apesar das casas Lebensborn receberem uma grande demanda de mulheres prestes a dar a luz, o retorno desse programa não estava obtendo os resultados que imaginava pelos líderes nazistas e Heinrich Himmler. Sob este viés, O Programa Lebensborn adquiriu um novo método para seu objetivo final. (VON OELHAFEN, 2017).

À medida que os nazistas realizavam novas conquistas territoriais, os territórios invadidos não sofriam apenas pela disputa bélica. Vilarejos e cidades de origem eslava foram invadidos, suas residências foram derrubadas, seus rebeldes foram deportados a campos de concentrações e as mães foram obrigadas a deixarem suas crianças perante as mãos dos soldados nazistas. (VON OELHAFEN, 2017).

Uma dessas crianças foi Érika Matko (Ingrid Von Oelhafen), nascida no extinto país da Iugoslávia no ano de 1942 quando possuía apenas nove meses. Os documentos recém encontrados por Ingrid indicavam que ela havia sido acolhida como parte de um processo chamado de “germanização”. (VON OELHAFEN, 2017).

A primeira coisa de que me lembro na vida é estar numa sala com outras trinta crianças. Eu me lembro das pessoas entrando, enquanto éramos enfileiradas como cães de estimação para que novos donos nos escolhessem. Esses donos seriam meus pais. Eles foram embora e voltaram no dia seguinte. Minha “mãe” aparentemente queria uma menina, mas meu “pai” queria um menino capaz de levar adiante os negócios da família. Deitei minha cabeça no colo dele e foi o bastante para que me escolhesse como filho. (HEINECKE, 2017. p. 139).

Como assim retratado no depoimento de Folker Heinecke, o rapto de crianças “racialmente valiosas” dos países que controlavam se tornou efetivo juntamente com seu plano de germanização. “O que houver do nosso sangue bom nesses povos, nós vamos tirar, e até roubar as crianças, se necessário, e trazê-las para cá” (Von Olehanfen, 2017, pág. 141).

O processo de germanização se deu em Folker quando ele acabara de completar dois anos de vida, por possuir características alemãs: cabelo loiro e olhos azuis, o mundo o via como um ariano de sangue puro. Devido a isso, o pequeno Folker foi levado dos seus pais força e direcionado por oficiais da SS a um instituto médico para avaliação racial completa. “Eles me mediram inteiro – cabeça, corpo -, e os médicos me reavaliaram para garantir que eu não tinha nenhum aspecto judeu. Quando despacharam de navio para uma casa Lebensborn” (Heinecke, 2017, pág. 142).

Durante o julgamento de Nuremberg¹⁹, o promotor-chefe, um advogado militar americano, expôs que o programa Lebensborn fazia parte, a partir do rapto para germanização das crianças, de “um plano nazista para erradicar pessoas consideradas de raças inferiores”. (VON OELHAFEN, 2017).

Sob tal pretexto, foi apresentado um documento denominado de “Reflexões sobre o tratamento de pessoas de raças estrangeiras no Leste” (em alemão: “Über die Behandlung Von Fremdölkischen im Osten”) escrito por Heinrich Himmler, um dos principais textos que revelam a ideologia racista e genocida do regime nazista, enfatizando uma classificação racial dos povos do leste europeu e o tratamento para cada subdivisão. (VON OELHAFEN, 2017).

Para além disso, existiam aquelas crianças que, após serem capturadas, não se enquadravam nos padrões nazistas de “valor racial”. Algumas crianças rejeitadas, mesmo não atendendo as características raciais valorizadas, eram submetidas à esterilização forçada e abrigadas por pais adotivos. Já aquelas que se encaixavam nas “boas características arianas”, segundo a crença nazista, foram arrancadas de suas famílias, e foram submetidas a inúmeras avaliações raciais a fim de determinar que de fato as crianças fossem dignas da adoção. As “sortudas” eram levadas para Lebensborn, sua vida antes do seqüestro era apagada e estas aguardariam a chegadas dos seus pais adotivos. (VON OELHAFEN, 2017).

2.4.2 A história de Marie Dolezalová

Em nove de junho de 1942, Lídice, um vilarejo agrícola perto de Praga acabara de ser invadido por soldados da SS. Em meio de uma perseguição política, todos os homens adultos foram enfileirados e executados, foram cerca de 170 mortos e seus corpos foram dispostos em 17 fileiras ao centro do vilarejo e totalmente incendiados. Um deles era o pai de Marie. (VON OELHAFEN, 2017).

As mulheres, muitas delas prestes a dar a luz, foram deportadas para o campo de concentração de Ravensbrück, e seus filhos foram roubados. Totalizando, foram 180 crianças empurradas para dentro de ônibus e levadas a uma antiga fábrica de tecidos. Por ordem pessoal de Himmler, as crianças não foram alimentadas e foram obrigadas a dormir no chão frio, sujo e sem cobertores. (VON OELHAFEN, 2017).

Então, chegaram os peritos raciais do RuSHA – Departamento Central de

¹⁹ O Tribunal de Nuremberg foi uma corte internacional criada pelos vencedores, no final da Segunda Guerra Mundial, para julgar os crimes de guerra cometidos pelos oficiais nazistas.

Reassentamento e Raça – os quais avaliaram todas as crianças a fim de determinar suas qualidades arianas. No entanto, eles reprovaram 103 das crianças. Destas, 73 foram consideradas dispensáveis as quais foram imediatamente direcionadas para o campo de extermínio de Chelmno²⁰, onde foram expostas a gases tóxicos até a morte dentro de caminhões adaptados. (VON OELHAFEN, 2017).

Apenas sete crianças foram selecionadas como aptas para a germanização, dentre elas Marie Dolezalová. Ao chegar no abrigo infantil, ao meio de muitas outras crianças de diferentes países, Marie foi obrigada a aprender alemão e era severamente punida se flagrada falando tcheco, sua língua natural. Ao fim, Lebensborn entregou Marie a uma família alemã selecionada. (VON OELHAFEN, 2017).

Filhos de assassinos, criados sob uma educação que semeia ódio e intolerância, foram forçados a viver perante a sombra da culpa, vergonha e falta de identidade. A herança que sua infância representou para essas crianças foi o medo do completo desconhecido e a dor da identidade que nunca se cicatrizará. (VON OELHAFEN, 2017).

Um nome em sua certidão, de fato não é um grande fator determinante para suas ideologias e caráter, porém, com toda certeza Érika Matko e Ingrid Von Oelhafen seriam indivíduos completamente distintos. Seja pelas vivências, local de crescimento, língua falada, pais amorosos ou distantes, escola frequentada até a adolescência, quem seria sua melhor amiga, qual seria seu filme favorito, quais seus sonhos, qual a melhor lembrança da infância. (VON OELHAFEN, 2017).

Ingrid Oelhafen nunca pode ser Érika Martko, e o inverso é recíproco. Ingrid Martko-Von Oelhafen é uma mulher admirável e forte, uma verdadeira guerreira a qual me orgulho de falar sobre, porém, em seu consciente e de qualquer criança esquecida de Hitler, sua identidade nunca será completa, as marcas da incerteza nunca se cicatrizaram e o fato de que sua infância se deu nas mãos de nazistas nunca será apagada. (VON OELHAFEN, 2017).

Como a própria diz “Eu não sou mais uma vítima... Sou uma sobrevivente. Eu quero que o mundo saiba o que aconteceu”, seu testemunho inspira coragem e força perante a humanidade. Ingrid, ao meio de tanto ódio e perversidade, resgata a esperança de uma humanidade. (VON OELHAFEN, 2017).

²⁰ Situado a cerca de 50 quilômetros a noroeste de Lodz, na Polônia. Foi a primeira instalação fixa em que o gás tóxico foi usado para o extermínio em massa de judeus.

CAPÍTULO 3

BIOÉTICA E DIREITOS HUMANOS COMO UMA RESPOSTA AO LEGADO DA MEDICINA NAZISTA

3.1 O “fim” de uma era antiética

O Julgamento de Nuremberg, realizado entre 1945 e 1946, foi o marco inaugural do que conhecemos como bioética. A partir desse momento, a comunidade internacional reconheceu a necessidade de estabelecer padrões éticos para a pesquisa médica e científica. (JACOBI, 2017).

Em 8 de agosto de 1945 foi assinada a Carta de Nuremberg pelos quatro principais aliados (Estados Unidos, Reino Unido, França e União Soviética), documento este que buscou estabelecer regras e princípios para o julgamento dos líderes nazistas após a Segunda Guerra Mundial – atribuindo leis e procedimentos pelos quais o Julgamento de Nuremberg seria conduzido. Para que tais acordos se tornarem efetivos, se fez necessária a articulação de uma base jurídica uniforme na Alemanha para esculpir as acusações das figuras nazistas. (JACOBI, 2017).

Perante isso, o Conselho de Controle Aliado – órgão governante da ocupação militar formado pelos aliados – criou a Lei nº 10, que consistia em um regulamento uniforme para a acusação dos criminosos de guerra. Tal regulamentação estruturou o chamado Tribunal Militar (IMT), composto por juízes e promotores americanos, soviéticos, britânicos e franceses, afim de processar os criminosos nazistas. (JACOBI, 2017).

50

Imagem 08: Tribunal Militar Internacional de Nuremberg, 1945.



Legenda: Os Acusados Nos Bancos-Dos-Réus (Nuremberg) - Foto mostra os acusados sentados nos bancos-dos-réus durante o julgamento dos criminosos-de-guerra pelo Tribunal Militar Internacional de Nuremberg. Novembro de 1945.

Determinou-se que os réus haviam cometido crimes inumeráveis, porém, foram classificados da seguinte maneira: crimes contra a paz, crimes de guerra, crimes contra humanidade e conspiração para se travar uma guerra violenta. Nota-se que o Julgamento de Nuremberg não se deu em termos convencionais, ao momento que não havia um estado de direito e jurisprudência existentes que abrangem tais crimes. (JACOBI, 2017).

O primeiro julgamento no Tribunal Militar de Nuremberg foi o julgamento dos médicos – assim denominado pela atuação dos réus e a natureza de seus crimes - onde foram acusados de crimes de guerra, crimes contra a humanidade, crimes contra a paz e conspiração para se travar uma guerra violenta, sendo cruciais os dois primeiros citados devido às experimentações humanas e os assassinatos em massa. (JACOBI, 2017).

As atrocidades cometidas pelos médicos nos campos de concentração, julgadas pelo Tribunal Internacional de Nuremberg, resultou na formulação do Código de Nuremberg de 1947, que consiste em uma regulamentação de diversos pontos (como autonomia, liberdade e proteção) para proteção do voluntário a pesquisa científica. Tal formulação constitui a estrutura ética dos dias atuais, indicando princípios de pesquisas científicas envolvendo seres humanos. (ZAGO, 2017).

Apesar da postura desumana dos médicos em nome de uma pseudociência, deve-se ressaltar que havia uma norma ética em vigor neste momento. O Juramento de Hipócrates, que afirmava de maneira clara que todo médico possui o dever de “ajudar ou pelos menos não causar danos”. Para além deste, havia outras duas diretrizes éticas na Alemanha - antes da ascensão do nazismo – que visavam regulamentar a utilização de novas terapias e a experimentação humana, emitidos para proteger o paciente e estabelecer um padrão de ética médica. (ZAGO, 2017; JACOBI, 2017).

Os regulamentos e diretrizes acima mencionados foram contornados e distorcidos durante a prática no regime nazista, sendo somente envolvidas pessoas *dignas de viver* - o que não contemplava judeus, ciganos, eslavos, prostitutas, deficientes, presos políticos e opositores. Assim, os nazistas defendiam seus atos, distinguindo pessoas a quem o juramento se fazia válido e a quem não era digno de tais regulamentos éticos. (ZAGO, 2017; JACOBI, 2017).

Com isso, o Tribunal concluiu que os experimentos médicos discutidos no julgamento não eram éticos ou legais, mas criminosos. Ao momento que, os prisioneiros

foram utilizados como sujeito de pesquisas sem consentimento, foram assim desvinculados de seus direitos humanos antes mesmo de serem participantes dos experimentos. Sob este viés, o Julgamento de Nuremberg pode ser visto como um fim de uma era antiética, onde os culpados foram punidos seguindo um código internacional e ética estabelecido. (JACOBI, 2017).

3.2 O uso de dados nazistas na Literatura Científica

Apesar da natureza subumana dessas experiências, houve descobertas sob a investigação humana do Terceiro Reich que beneficiaram os soldados alemães, pois puderam estipular diversas informações sob as limitações humanas. Em experimentos para o estudo da fome, foi-se demonstrado que a fome prolongada pode levar a danos irreversíveis no organismo e quais foram os danos apresentados pelas vítimas; os experimentos de alta compressão e altitude auxiliaram o desenvolvimento de equipamentos de mergulho e vôo; além dos resultados originados de experimentos de temperatura, que demonstraram os efeitos da hipotermia e hipertermia no corpo. (MILLER, 2020).

De fato, esse tema apresenta uma série de questões a comunidade científica. Portanto, é adequado utilizar dados moralmente condenáveis como os extraídos das vítimas do nazismo? Se sim, em circunstâncias?

É evidente que a postura médica adotada nos campos e os experimentos realizados são considerados até os dias atuais, não somente como atos antiéticos, mas sim atrocidades disfarçadas de pesquisas médicas. Porém, seguindo pesquisas realizadas após a Segunda Guerra Mundial indicam que pelo menos quarenta e cinco artigos científicos foram publicados contendo dados nazistas como evidência empírica, onde nenhum dos mesmos incluía um debate acerca da ética da utilização de tais resultados sem mencionar sua ética ou origem (JACOBI, 2017).

Qual é a legitimidade de tais resultados? É evidente que, seguindo nosso panorama bioético atual, tais experiências representam uma violação escancarada dos direitos humanos e desumanização dos indivíduos em diversas esferas, sendo consideradas ferramentas de investigação científica. Porém, tais dados foram utilizados em momentos posteriores à sua realização em distintas áreas como a Pesquisa Espacial, Medicina de emergência e estudos sobre hipotermia e hipertermia, ocasionando um cenário de controvérsias e críticas éticas perante sua utilização. (MILLER, 2020;

ESPINAL 2017).

É importante deixar claro que este trabalho não é uma tentativa de conferir qualquer mérito redentor aos médicos nazistas ou eximi-los de suas culpas, tão pouco legitimar a instrumentalização da vida, mas estabelecer um debate que seja capaz de nos educar quanto à dimensão moral inerente ao universo científico atual. (MILLER, 2020; ESPINAL 2017).

Perante isso, os dados mais significativos foram os experimentos em prisioneiros no campo de concentração de Dachau, que resultaram em uma grande quantidade de dados sobre os efeitos da hipotermia, da exposição a substâncias tóxicas. Embora esses dados tenham sido obtidos de maneira cruel e desumana, eles forneciam informações valiosas que poderiam beneficiar a medicina moderna, especialmente nas áreas de tratamentos para hipotermia e envenenamento por gás. (COHEN,1990).

No caso da hipotermia, os nazistas realizaram experimentos que expunham prisioneiros a temperaturas extremas, imergindo-os em água gelada ou deixando-os no frio intenso do inverno. Os dados obtidos incluíam informações sobre a temperatura corporal, a resposta do coração, a perda de consciência e os efeitos no sistema muscular. O Dr. Rascher, responsável por essas pesquisas, também desenvolveu técnicas de reaquecimento ativo rápido que mostraram ser mais eficazes do que os métodos passivos tradicionalmente usados. (COHEN,1990).

Essas descobertas poderiam ajudar médicos a salvar vítimas de hipotermia grave, como aquelas em resgates de acidentes em águas frias. Dr. Robert Pozos, ao descobrir esses dados, percebeu que eles poderiam avançar significativamente sua pesquisa sobre tratamentos para hipotermia. No entanto, o dilema ético surgiu quando ele considerou a possibilidade de publicar essas informações, já que foram obtidas de maneira brutal e desumana, gerando um debate sobre a validade moral de usar esses dados. (COHEN,1990).

De maneira semelhante, em relação ao fosgênio, um gás tóxico usado durante a guerra, os nazistas realizaram experimentos em humanos, expondo prisioneiros ao gás para estudar seus efeitos nos pulmões. Esses dados, coletados por cientistas como o Dr. Bickenbach, poderiam ser extremamente valiosos para a pesquisa atual sobre os efeitos do fosgênio, um veneno químico utilizado em guerras, como a Guerra Irã-Iraque e possivelmente no Golfo Pérsico. A EPA (Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos) enfrentou um dilema ético ao considerar o uso desses dados para melhor compreender os efeitos do fosgênio em seres humanos e melhorar as regulamentações de

segurança. (COHEN,1990).

Embora os dados nazistas fornecessem informações de maior qualidade em comparação com os experimentos com animais, a violação dos direitos humanos e a maneira cruel como foram obtidos geraram um impasse ético. Como no caso da hipotermia, os dados poderiam salvar vidas no futuro, mas a origem dos dados levantava questões sérias sobre a responsabilidade moral. (COHEN,1990).

Ambos os casos ilustram o dilema ético de utilizar dados adquiridos através de experimentos médicos cruéis e desumanos. Por um lado, os dados têm o potencial de salvar vidas e aprimorar tratamentos médicos modernos. Por outro, há o risco de legitimar práticas desumanas ao usar esses dados, o que poderia ser interpretado como uma aceitação tácita das atrocidades cometidas para obtê-los. Os cientistas, como Pozos e Hayward, enfrentaram a difícil escolha de utilizar esses dados para fins construtivos, apesar de sua origem, com a crença de que isso poderia resultar em benefícios diretos e imediatos para a humanidade. Contudo, a objeção moral e o repúdio às ações nazistas impedem a aceitação pública desses dados, gerando um forte debate sobre como conciliar o avanço da ciência com a ética. (COHEN,1990).

A decisão de não usar esses dados, como foi o caso na EPA e na recusa de publicar os dados de Pozos, reflete a consideração de que o custo moral e histórico de legitimar esses experimentos é inaceitável, mesmo diante da possibilidade de salvar vidas. A opção por não usar os dados se baseia no princípio de que a origem imoral e a crueldade com que os dados foram coletados são suficientes para rejeitar qualquer utilidade científica derivada deles. (COHEN,1990).

Particularmente, apesar de reconhecer seu valor científico, sou contra a utilização de tais dados devido à origem de suas informações. A marca profunda de violação dos direitos humanos e a exploração da humanidade dessas vítimas não deve nunca ser utilizada para fins benéficos, pois dar utilidades para atrocidades falsamente disfarçadas de pesquisas médicas é um verdadeiro desrespeito a dignidade de todos os indivíduos mortos e vitimados por tais atos. (COHEN,1990).

A ciência e a medicina devem avançar, mas sempre dentro de um marco ético que respeite a vida humana, a liberdade e os direitos fundamentais. O fato de os dados terem sido obtidos às custas de atrocidades não pode ser ignorado, pois isso comprometeria a integridade da pesquisa e a responsabilidade moral da ciência. A busca por progresso não pode justificar o uso de métodos imorais e desumanos, pois isso enfraquece os princípios de justiça e humanidade que devem guiar nossas ações. (COHEN,1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia demonstra que as experiências médicas nazistas são um exemplo claro de violação dos princípios bioéticos e dos direitos humanos. A história apresentada buscou analisar sob a ótica da bioética e dos direitos humanos, sendo assim possível compreender a dimensão de como a ciência foi utilizada como uma ferramenta destrutiva.

A construção histórica para a ascensão do nazismo foi de fato única. O completo caos que culminou a Alemanha Pós-Primeira Guerra serviu como um cenário perfeito para que ideais tão hediondas se tornassem ideologia. Porém, vale ressaltar que desde o imperialismo tivemos resquícios de pensamentos de superioridade. Até os dias atuais vemos tais atitudes. Mesmo após campos de concentração serem construídos com intuito de aniquilar uma raça pela ideia de superioridade e a humanidade como um todo se assustar com tal marca, ainda nos deparamos com esses ideais racistas em diferentes escalas.

Para além deste, o viés científico envolto nesta monografia sobre a legitimidade e o debate sobre o uso dos dados obtidos por experiências médicas nazistas, se refletem muito com o debate atual do valor científico, o qual se exponenciou na pandemia da covid-19 em 2020, sobre a eficácia da vacina e da comunidade científica. Mas também a cenários muito anteriores, como o programa de experimentação humana para o tratamento de sífilis nos Estados Unidos da América em 1932.

Apesar de tal problemática, podemos acreditar no potencial da humanidade com o estabelecimento de regulamentações tão preciosas como as da Bioética e dos Direitos Humanos. A partir delas, temos um caminho de proteção ao corpo humano e dignidade, sendo utilizada como uma ferramenta para diversas posteriores lutas.

Em conclusão, a monografia revelou a complexidade e a gravidade das experiências médicas nazistas, demonstrando a importância de estudos como este para compreensão das noções da bioética e dos direitos humanos na comunidade científica. As marcas e consequências aqui expostas ainda existem, necessitam de atenção e discussão, para que possamos educar cidadãos e profissionais no intuito de evitar sempre, que a história se repita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Thiago. **Análise da narrativa de Viktor Frankl acerca da experiência dos prisioneiros nos campos de concentração.** Revista da Abordagem Genética: Phenomenological Studies. 2012.

BUENO, David. **Lebensborn: O “Inferno” de crianças e jovens na Alemanha Nazista.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2019.

BRUNHARI, Marcos; DARRIBA, Vinicius. **O objeto de segregação e o campo de concentração.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2018.

COHEN, Baruch. **The ethics of using medical data from Nazi experiments.** *Journal of Halacha and Contemporary Society*. 1990. Disponível em: <<https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-ethics-of-using-medical-data-from-nazi-experiments>>. Acesso em: 15/10/2024.

CONT, Valdeir. Eugenia – **A ciência do melhoramento das especificidades genéticas humanas.** Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UEC), 2007.

ENCICLOPÉDIA do Holocausto: United States Holocaust Memorial Museum. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<https://encyclopedia.ushmm.org/pt-br>>. Acesso em: 22/10/2024.

ESPINAL, Nahiara; RUIZ, Francisco. **Pesquisa e experimentação médica durante o nazismo.** Universidad Pública de Navarra (UPNA). Maio, 2017.

FREDRIGO, Fabiana; OLIVEIRA, Laura. **A ascensão da Bioética na segunda metade do século XX: da memória do Holocausto à afirmação histórica dos Direitos Humanos.** Universidade Federal de Goiás (UFG). 2008.

GONÇALVEZ, Antonio. **A eugenia de Hitler e o racismo da ciência.** UFSC.

HOBBSAWM, E. **Era dos extremos: O breve século XX.** Grupo Companhia das Letras, 1995.

JACOBI, Hannah. **Racionalizando o Mal? - As considerações éticas do uso de dados nazistas em publicações médicas após a Segunda Guerra Mundial.** RadboudUniversity. Junho, 2017.

LEVY, D; SZNAIDER, N. **A institucionalização da moralidade cosmopolita: o Holocausto e os direitos humanos,** 2012. Último acesso em: 12 de agosto 2024.

LÓPEZ, González. **Medicina e Nazismo: Aprenda com a história.** Revista Clínica Espanhola, 2010.

MICHEL, H. **Os Facismos.** PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTELISBOA, 1977.

MILLER, Samanta. **O Holocausto e a Experimentação Humana: A Abordagem Nazista à Medicina**, 2020.

MONTEIRO, Gustavo. **Juventude Hitlerista: Propaganda, ideologia e antissemitismo**. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas (ICH-UnB), 2013.

MUÇOUCAH, Laura. **A eugenia, a insânia e os desvarios nazistas**. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. 2020.

PEREIRA, Eliane; SOUZA, Tiago. **Bioética e biodireito: um estudo de caso de experiências médicas em campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial**. UNICISE, 2015.

PORFÍRIO, Victor. **A Medicina nos Campos de Concentração de Auschwitz**. Universidade federal de medicina da Bahia (UFBA). Maio, 2018.

SIQUEIRA, Dirceu; CURTI, Letícia. **EUGENIA, NEOGENIA E BIOÉTICA: Aproximação e distanciamentos sob uma perspectiva jurídica de reconhecimento de direitos**. Direito em debate, revista do departamento de ciências jurídicas e sociais da UNIJUÍ, 2018.

VICENTE, Gabriele; WITT, Marcos. **A educação na Alemanha durante o Terceiro Reich e seu papel na doutrinação das crianças e jovens**. Conhecimento Online, abril 2017.

VON OELHAFEN, Ingrid; TATE, Tim. **As Crianças Esquecidas de Hitler: A verdadeira história do programa Lebensborn**. Ed. Contexto, 2017.

ZAGO, Livia. **PESQUISA CIENTÍFICA ENVOLVENDO SERES HUMANOS.VI** Encontro de Bioética da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2017.

ANEXO I

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Apresentar/ Debater os experimentos médicos científicos nazistas e considerar - a partir desse debate ético – a relevância científica em períodos posteriores à sua realização assim como suas implicações e aplicabilidade na pesquisa contemporânea.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Elaborar um inventário dos diferentes tipos de experiências médicas realizadas nos campos de concentração;
- 2) Definir os conceitos de Bioética a partir da análise das experiências médicas nazistas e examinar como esses conceitos moldaram a prática científica no período pós- Segunda Guerra Mundial;
- 3) Explorar a questão ética envolvendo a utilização dos resultados das experiências médicas Nazistas (à luz das ações ocorridas nos campos de concentração de Dachau e Auschwitz) investigando a viabilidade e as implicações da utilização dos resultados dessas experiências em meios de divulgação científica.

JUSTIFICATIVA

Neste trabalho trataremos das experiências ocorridas em campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial que feriram o princípio da dignidade humana e os atuais princípios da Bioética e do Biodireito, sendo na verdade os fatos que fundamentaram a criação desses últimos. As discussões acerca dessas experiências continuam até a atualidade, pois apesar das atrocidades cometidas, algumas contribuíram para o progresso da medicina, principalmente nas questões relacionadas a eficácia de antibióticos e resistência do corpo humano a situações adversas. No período abordado, referente a Segunda Guerra Mundial e mais especificamente o caso da Alemanha Nazista existia dentro do Estado alemão todo um ordenamento jurídico que legitimava a política racista pautada nos princípios da Eugenia.

É imperativo reconhecer que as experiências médicas realizadas pelos nazistas durante o Holocausto representam uma das páginas mais sombrias da história da medicina e da humanidade. Os resultados obtidos dessas práticas desumanas são intrinsecamente ligados a uma violação flagrante dos princípios éticos que fundamentam

a pesquisa médica. É crucial aprender com os erros do passado e garantir que tais atrocidades não se repitam.

Ao examinarmos esses resultados, devemos fazê-lo sob uma luz crítica e ética, entendendo que o avanço da ciência não pode ser alcançado às custas da dignidade e dos direitos humanos. A aplicação contemporânea desses aprendizados exigem um compromisso inabalável com os princípios éticos, garantindo que a pesquisa médica seja conduzida de maneira respeitosa, justa e transparente, com o bem-estar humano sempre como prioridade.

A reflexão sobre as experiências médicas nazistas também destaca a importância e estabelecer e fortalecer regulamentações rigorosas no campo da pesquisa, garantindo que os padrões éticos mais elevados sejam mantidos. É fundamental que a comunidade científica utilize esses resultados para fortalecer as salvaguardas éticas e promover uma cultura de responsabilidade e integridade na pesquisa médica. Além disso, o conhecimento adquirido deve ser empregado para fomentar uma abordagem mais inclusiva e humanitária na medicina, promovendo a equidade no acesso a tratamentos e cuidados de saúde. Ao incorporarmos os erros do passado em nossos avanços atuais, podemos construir um futuro em que a pesquisa médica seja conduzida com a mais alta ética, respeitando os direitos e a dignidade de cada indivíduo.

Além disso, a proposta do debate apresentado nesta monografia emerge como uma contribuição crucial em tempos marcados pelo alarmante negacionismo científico, onde as fronteiras entre o certo e o errado tornam-se ainda mais frágeis do que em épocas pertencentes. Em um cenário global permeado por discursos que questionam a validade da ciência e sua confiança é frequentemente desafiada. Nesta pesquisa, há uma profunda reflexão sobre as consequências éticas das práticas médicas condenáveis do nosso passado, contrapondo, com os evidenciados conceitos da bioética e do biodireito, fornecendo assim, uma contextualização histórica valiosa para compreender um caminho ético de pesquisa científica.

Por fim, o interesse pessoal pela escolha dessa abordagem surgiu como uma ação minha como aluna de evidenciar esse processo histórico e o quanto valioso é compreender tais processos. Ao decorrer da minha pesquisa, pude perceber que a base desses crimes, que tanto horrorizam as pessoas, sempre foi praticada, e continuam sendo – o pensamento de que um ser humano é superior a outro em decorrência da raça, religião, gênero dentre outros aspectos.

O imperialismo se consolidava na mesma ideia, ainda no século XX, na qual foi

se intensificando, normalizado e se estruturando, até se tornar “ciência” ou uma “pseudociência” que determinou que tais indivíduos mereciam passar por tais atos abomináveis por serem inferiores e indispensáveis. E, somente a partir daí, a sociedade tomou conta de si, percebendo que estaríamos no nosso limite do absurdo. Criando assim a bioética, como um conjunto de normas e diretrizes que nunca existiram, de leis que condenam esses pensamentos de eugenia que sempre existiram. E mesmo após isso, nos encontramos com oracismo, com a homofobia e em alguns casos aqui no Brasil até mesmo com o antissemitismo.

Portanto, a importância do meu trabalho é buscar evidenciar mais uma vez, por meio de uma abordagem histórica, o que aconteceu com o Holocausto em decorrência desses pensamentos, para que o ser humano não se esqueça do que ele é capaz de fazer ao próximo, e repetir a história.

PROPOSTA METODOLÓGICA DO ESTUDO

Esta pesquisa adota uma abordagem para “explorar as implicações éticas das” Experiências médicas nazistas, integrando as perspectivas da bioética e a legitimidade dos resultados obtidos”. A metodologia do projeto é respaldada por uma revisão histórico-bibliográfica de pontos relevantes a respeito do tema como: “Racionalização do mal?” - “As considerações éticas do uso de dados Nazistas em publicações médicas após a Segunda Guerra Mundial” (JACOBI, Hannah 2017); “Investigação e experimentações médicas durante o Nazismo” (ESPINAL Nahiara; RUIZ, Francisco, 2017); “Bioética e Biodireito: Um estudo de caso de experiências médicas em campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial” (PEREIRA, Eliane; SOUZA, 2015); “A medicina nos campos de concentração de Auschwitz” (PORFÍRIO, Victor, 2016).

Além das teses mencionadas, serão analisadas diferentes fontes primárias, predominantemente provenientes da “Enciclopédia do Holocausto”, que incluem imagens, documentos, relatos e depoimentos. Para além desta metodologia vale ser ressaltada a relevância da linha de abordagem e compreensão existente na obra “A banalidade do mal” de Hannah Arendt na estrutura crítica do meu projeto.

ANEXO II

A tabela abaixo apresenta uma cronologia dos eventos significativos que culminaram na ascensão do Partido Nazista e na implementação de políticas segregacionistas, culminando na Solução Final. Ela ilustra como a normalização do antissemitismo na Alemanha ocorreu de forma gradual, levando à desumanização e à legitimação legal de grupos específicos, sustentadas por ideologias de hierarquia racial. Esse contexto propiciou, posteriormente, a realização de experiências médicas nãoéticas sob o regime nazista.

Evento	Data	Descrição
Hitler se torna Chanceler da Alemanha	30 de janeiro de 1933	Nomeação de Adolf Hitler como chanceler e a criação do Ministério da Informação Popular e da Propaganda
Boicote do comércio e propriedades judaicas	1º de abril de 1933	A primeira ação pública e coordenada do regime nazista contra a população judaica
Promulgação das Leis de Nuremberg	15 de setembro de 1935	Instituição de uma legislação antissemita e eugenista perante a conjuntura alemã
Demais decretos e Leis	5 de outubro de 1938 - 1º de setembro de 1939	A Lei da Mudança de Nomes e Sobrenomes de Família, O Decreto sobre os Passaportes de Judeus e A Regulamentação Policial sobre a Identificação dos Judeus
Criação de guetos em áreas ocupadas	Outubro de 1939	Judeus são forçados a viver em guetos, isolados da sociedade
Primeiro procedimento de deportação ao campo de concentração relatado	22 de março de 1933	O campo de concentração de Dachau foi o primeiro criado, para concentrar prisioneiros políticos
Início da Solução Final	1941	Início das deportações em massa e execuções sistemáticas de judeus e outros grupos

Elaboração própria